



CRB

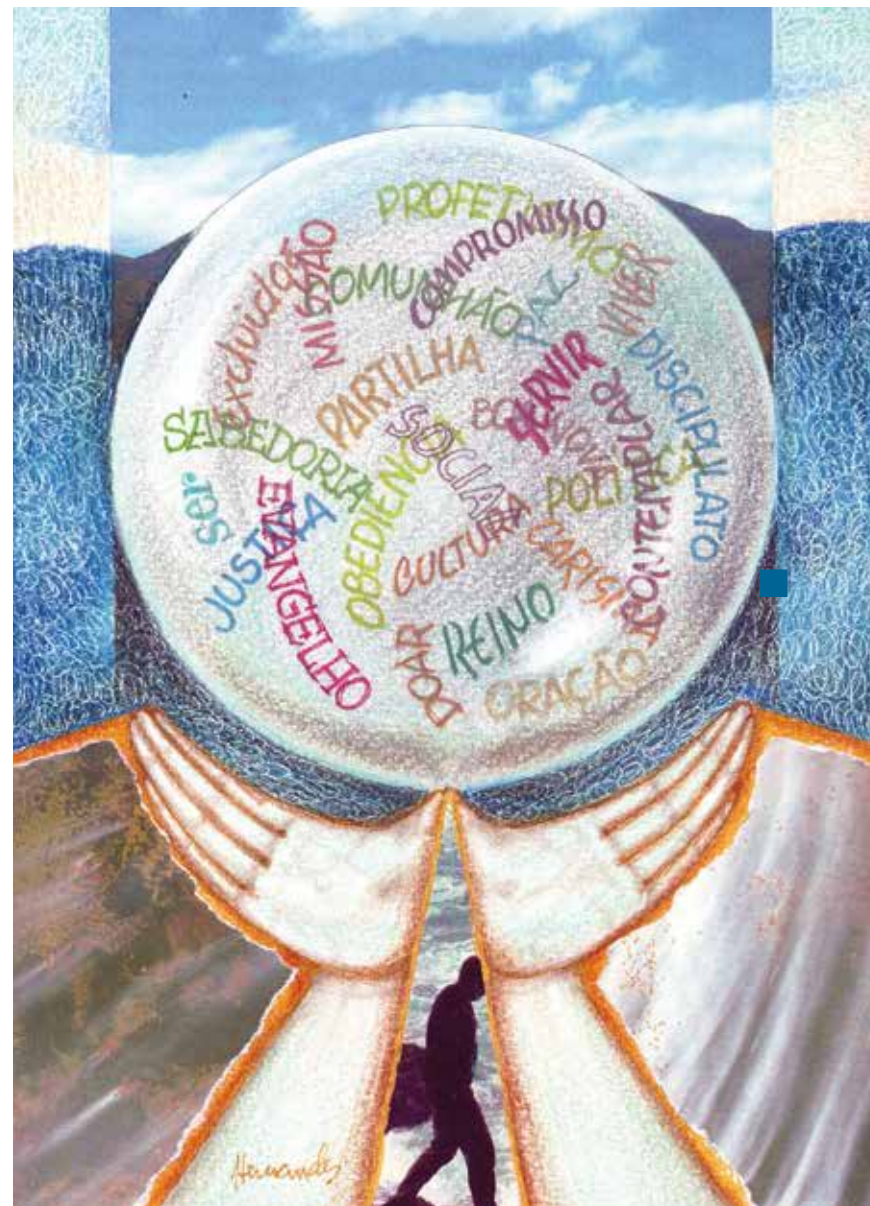
Quadro Programático da CRB 2010-2013

HORIZONTE

Em meio aos grandes desafios do mundo complexo e plural, da realidade da Igreja e da Vida Religiosa Consagrada, a Palavra de Deus nos impulsiona a avançar com os “olhos fixos em Jesus” (Hb 12,1-3), movidos/as pelo Espírito que o consagrou e enviou a anunciar a Boa-Nova (Lc 4,18). Provocados/as por uma nuvem de testemunhas (Hb 12,1), reafirmamos nossa identidade místico-profética e reavivamos a paixão pelo Reino, defendendo e promovendo a vida, assumindo a causa dos empobrecidos e construindo relações humanas, fraternas e solidárias.

PRIORIDADES

1. Redescobrir o sentido profundo da VRC, revitalizando a paixão por Jesus e seu Reino mediante a escuta da Palavra de Deus, a oração encarnada, a contemplação sapiencial da realidade, o compromisso discipular-missionário, a convivência como irmãos e irmãs e a comunhão com toda a criação.
2. Avivar a dimensão profético-missionária da VRC, atuando nas novas periferias e fronteiras, intensificando a opção pelos empobrecidos, e fortalecendo o compromisso com as grandes causas sociais, econômicas, políticas e ambientais.
3. Qualificar as relações na VRC e em seu espaço de inserção, em diálogo com as diferenças pessoais, culturais, étnicas, religiosas, geracionais e de gênero.
4. Ampliar o diálogo com as novas gerações em seus anseios e inquietações, e buscar novas metodologias para a animação vocacional.
5. Aprofundar o conhecimento da realidade juvenil e intensificar a presença e ação junto às juventudes.
6. Buscar maior leveza e agilidade institucional da VRC e ampliar as fronteiras congregacionais por meio da intercongregacionalidade, da partilha do carisma com outras pessoas e grupos de redes e parcerias.



- Leveza institucional para a missão
- Missão profética da Vida Religiosa num mundo plural
- As Missões Populares no Brasil à luz do Concílio Vaticano II
- O cultivo da arte na Vida Religiosa Consagrada

OUTUBRO 2011 • XLVI • nº 445

CONVERGÊNCIA

Sumário

Editorial

Vida Religiosa e missão hoje 465

Informes

Homenagem a Irmã Therezinha Cavichi
IRMÃ AMÉLIA MARIA NUNES469

São Guido Maria Conforti, fundador dos Xaverianos
ALFIERO CERESOLI.....472

Arte e Cultura

O cultivo da arte na Vida Religiosa Consagrada
PLUTARCO ALMEIDA.....474

Artigos

Leveza institucional para a missão: “Membros do mesmo corpo que tem
Cristo por Cabeça” (1Cor 12)
FERNANDO LÓPEZ E ARIZETE MIRANDA480

Missão profética da Vida Religiosa num mundo plural
VICTOR CODINA507

As Missões Populares no Brasil à luz do Concílio Vaticano II
GELSON LUIZ MIKUSZKA519

ASSINATURAS 2012

Prezado(a) assinante,

O tempo passa e já estamos nos aproximando do fim do ano. Está chegando a hora de renovar a assinatura da Revista Convergência!

A fim de facilitar o processo e evitar atropelos de última hora, gostaríamos de responder logo as perguntas mais frequentes dos nossos assinantes:

É possível renovar para 2012 imediatamente, isto é, sem ter que esperar o prazo de vencimento da assinatura 2011?

Sim, é possível!

Como proceder?

Existem duas possibilidades:

Através do site <crbnacional.org.br>, clicar no link Convergência, colocar o CPF ou CNPJ, localizar o código da assinatura, imprimir o boleto bancário e efetuar o pagamento.

Pelo método tradicional, ou seja, via depósito bancário (Banco do Brasil, agência 1230-0, conta corrente 306.934-6), sem esquecer de mandar, via fax ou e-mail, o comprovante devidamente identificado!

Quando a congregação/ordem/instituto possui várias casas com o mesmo CNPJ, o que fazer?

Após ter inserido o CNPJ, a página abrirá uma relação de casas; localize a sua comunidade pelo código. Atenção: o número do código encontra-se na etiqueta do envelope da revista todos os meses.

Recomendamos gravar o código.



CONVERGÊNCIA

Revista mensal da Conferência dos Religiosos do Brasil – CRB
ISSN 0010-8162

DIRETORA RESPONSÁVEL

Ir. Márian Ambrosio, dp

REDATOR RESPONSÁVEL

Pe. Plutarco Almeida, sj
MTb 2122

CONSELHO EDITORIAL:

Ir. Helena Teresinha Rech, sst
Ir. Vera Ivanise Bombonato, fsp
Pe. Cleto Caliman, sdb
Pe. Jaldemir Vitorio, sj
Pe. Roberto Duarte Rosalino, cmf

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

SDS, Bloco H, n. 26, sala 507
Ed. Venâncio II
70393-900 - Brasília - DF
Tel.: (61) 3226-5540
Fax: (61) 3225-3409
E-mail: crb@crbnacional.org.br
www.crbnacional.org.br
Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas
do PDF sob o n. P. 209/73

Projeto gráfico:
Manuel Rebelato Miramontes

Revisão:
Cirano Dias Pelin e Sandra Sinzato

Impressão:
Gráfica de Paulinas Editora

Ilustração da capa:
Pe. José Maria Fernandes Machado, sj

Os artigos assinados são de responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

Assinatura anual para 2011: Brasil: R\$ 84,00
Exterior: US\$ 84,00 ou correspondente em R\$ (reais)
Números avulsos: R\$ 8,40 ou US\$ 8,40

Outubro é o “Mês das Missões”. A Igreja é essencialmente missionária e para a missão/em missão é enviada sempre. Não é possível compreender a comunidade eclesial fora da dinâmica da missionariedade. Nesse sentido, os documentos oficiais da Igreja, as orientações do Papa e dos Bispos, os textos constitutivos da Vida Religiosa Consagrada etc. nada mais fazem do que ratificar e ressaltar, de uma maneira ou de outra, o que Jesus nos deixou como alerta: “A colheita é grande, mas os trabalhadores são poucos” (Lc 10,2) e como mandamento: “Ide pelo mundo inteiro e anunciai a Boa-Nova a toda criatura” (Mc 16,15). Essa ordem, é claro, vale não apenas para a hierarquia e para nós, Religiosos e Religiosas, mas para toda e qualquer pessoa batizada. Ser missionário(a) é a vocação mais fundamental de todo cristão, nossa característica essencial.

A *Convergência* não costuma ser uma revista temática, isto é, que “amarra” um tema específico em cada edição. Porém, em caráter excepcional, neste mês de outubro queremos propositalmente destacar o assunto, e por vários motivos. O primeiro deles é a importância que a CRB Nacional, ao elencar as suas prioridades para o triênio 2010-2013, dá à questão da missão. Os números 1 e 2 falam, respectivamente, do “compromisso discipular-missionário” e de “avivar a dimensão profético-missionária da VRC”. Depois, a riqueza dos artigos que a seguir apresentamos acabou por convencer o nosso Conselho Editorial a abrir uma exceção. São artigos muito instigantes, digamos assim, e que irão com certeza ajudar a Vida Religiosa Consagrada a refletir e aprofundar o tema da missão, quem sabe um tanto quanto esquecido em nossas agendas atuais.

O texto do Padre Fernando López e da Irmã Arizete Miranda, ambos da Equipe Itinerante de Manaus, sistematiza os conteúdos discutidos no evento promovido pelas Regionais da CRB de Manaus, Belém e Rondônia, o “Encontro das Águas”, ocorrido em Manaus, de 12 a 15 de maio deste ano, e antes de chegar às páginas da *Convergência* foi avaliado por diversas pessoas, que, de uma forma ou de outra, estão envolvidas na/com a missão na pan-Amazônia. Tal sistematização se dá de uma forma muito interessante e até inovadora, porque lança mão de elementos fundamentais da própria realidade amazônica, ou seja, a Terra Firme (TF), a Várzea(V) e o Rio (R), para discutir o tema da leveza institucional. De acordo com os autores,

a imagem amazônica do ecossistema formado por TF-V-R serve-nos também para iluminar esta reflexão sobre a leveza institucional para a missão da Vida Religiosa Consagrada e da própria Igreja na Amazônia. É nesse equilíbrio, nessa complementaridade e nessa relação dos distintos membros e serviços do corpo missionário que podemos viver nossa vocação com fecundidade, com gratuidade e alegria de coração, com leveza e profecia, assumindo e multiplicando a “vida abundante” (Jo 10,10) que Cristo nos oferece.

Sabemos que este assunto é extremamente importante para a Vida Religiosa Consagrada hoje, tanto assim que foi indicado como uma das prioridades da CRB, a de n. 6 (“Buscar maior leveza e agilidade institucional”). A conclusão a que quer chegar o texto que publicamos aqui é esta: a “leveza institucional” deve ser considerada sempre em função do nosso trabalho missionário. Então, não é mais possível “desconectar” (para usarmos uma palavra da moda) a busca por estruturas menos pesadas em nossas instituições, especialmente naquelas Ordens, Congregações e Institutos maiores e/ou mais antigos, das necessidades oriundas da missão. De certa forma, portanto, o artigo da Equipe Itinerante, ao reforçar a sexta prioridade, expõe a íntima ligação que existe entre ela, prioridade, e as demais. Em outras palavras, todas as opções que queremos fazer no sentido de redescobrir

o sentido profundo da Vida Religiosa Consagrada (n. 1), avivar a dimensão profética atuando nas novas periferias e fronteiras (n. 2), qualificar as nossas relações internas em diálogo com as diferenças (n. 3), ampliar o diálogo com as novas gerações (n. 4) e aprofundar o conhecimento da realidade juvenil (n. 5) etc. constituem, na verdade, uma única e definitiva missão. Ora, essa missão, para ser eficaz hoje em dia, depende em grande parte da capacidade que a Vida Religiosa Consagrada possa ter no sentido de tornar mais leves as suas estruturas institucionais de um modo geral.

O segundo artigo deste mês foi escrito por Victor Codina, teólogo jesuíta dos mais conhecidos e dos mais admirados em toda a América Latina. Ele coloca em discussão a “Missão profética da Vida Religiosa num mundo plural”, confrontando as nossas práticas com as exigências e os desafios atuais. E a grande questão a ser debatida é a alteridade e o pluralismo em todos os campos e aspectos da vida humana.

“Na atualidade, está aflorando a importância do múltiplo, do diferente, do pluralismo, dos outros, do Outro. Se a preocupação socioeconômica era prioritária pela igualdade, agora aparece a importância das diferenças da alteridade.”

Não há dúvida de que para muitos de nós é extremamente difícil substituir os velhos paradigmas por uma compreensão mais aberta, mais livre e menos sectária, proselitista e ortodoxa da evangelização. Mas, queiramos ou não, hoje em dia já não é mais possível impor nada a ninguém. O caminho, então, é o caminho do diálogo com as diferenças, diálogo que pressupõe o devido respeito às diversas culturas nas quais estamos inseridos e desejamos dar o nosso testemunho cristão.

A missão começa hoje pelo diálogo, pela escuta paciente do(a) outro(a), para aprender e enriquecer-se com as outras cosmovisões e polimorfias. Ninguém as possui em exclusividade. Temos de evitar atitudes fanáticas e fundamentalistas para não cair na ditadura do pensamento único.

O tema da missão continua em destaque nesta edição com o artigo do Padre Gelson Luiz, missionário redentorista, que

analisa “As Missões Populares no Brasil à luz do Concílio Vaticano II”, citando, ainda, o *Documento de Aparecida*. A contribuição do Padre Gelson não diz respeito apenas ao resgate histórico dessa atividade pastoral tão cara ao nosso povo, especialmente o povo mais simples, mas também quer provocar uma reflexão sobre o assunto a partir dos cenários emergentes, de modo particular a realidade dos grandes centros urbanos. São enormes os desafios que a missão de evangelizar deve enfrentar hoje em dia, uma vez que as formas de viver em sociedade mudaram também. Diz o Padre Gelson que “evangelizar é pensar a cidade. Deve ser idealizada uma Missão capaz de fortalecer a comunitariedade e possibilitar que todos tenham mais clareza sobre a importância de ser Igreja e de se ter uma fé”.

Na seção “Informes”, fazemos uma singela homenagem à Irmã Therezinha Cavichi, das Irmãs da Providência de Gap, que faleceu recentemente. Durante muitos anos ela colaborou com a CRB de São Paulo e, de modo especial, com a CRB Nacional como membro da coordenação do CERNE e pregadora de vários retiros. O seu testemunho de vida enriquece o patrimônio espiritual não somente da sua Congregação, mas da CRB e da Vida Religiosa Consagrada do Brasil como um todo. Trazemos, ainda, o perfil biográfico do Padre Guido Maria Conforti, fundador dos Missionários Xaverianos, cuja canonização aconteceu no último dia 23 de outubro, “Dia Mundial das Missões”.

Assim está a nossa *Convergência* de outubro, cheia de textos provocantes, instigadores, tudo para ajudar as Comunidades Religiosas a refletir mais sobre a missão, que, afinal de contas, é o que dá sentido verdadeiro ao nosso ser Igreja e concretiza a nossa vocação batismal.

Queira Deus possamos nos deixar questionar, ao menos um pouquinho, por esses artigos e, assim, conseguir, com a cabeça, o coração e a alma renovados, avançar para as águas mais profundas, sempre de olhos fixos em Jesus, fundamento último da nossa fé e da nossa missão.

Boa leitura, boa reflexão e boa missão para vocês!

Homenagem a Irmã Therezinha Cavichi, pgap

469

INFORMES

A Irmã Therezinha foi chamada pelo Senhor da Vida às vésperas de iniciar a pregação, em Brasília, do Retiro de Encerramento do PROFOLIDER (Programa de Formação de Lideranças) VIII, de 6 de junho a 4 de agosto de 2011, promovido pela CRB Nacional.

Na CRB, ela fez parte da coordenação do CERNE (Centro de Renovação Espiritual) de 1984 (CERNE XXV) a 1987 (CERNE XXXIV) e de 1993 (CERNE LIV) a 1996 (CERNE LXII). A última assessoria ao CERNE foi no CERNE XCVIII, acontecido em São Paulo, de 28 de setembro a 9 de novembro de 2008, quando assessorou o Retiro final.

Carta de sua Superiora Provincial (trechos)

“São Paulo, 21 de julho de 2011.

Queridas Irmãs, Fraternalistas membros da Família Providência, Irmãos e Irmãs de outras Congregações, Padres, Bispos, Familiares e amigos.

O Senhor nos visitou e nos provou, desta vez levando para junto d’Ele a Ir. Therezinha Cavichi. Foi tudo muito rápido, ainda estamos sob o efeito do susto. Ir. Therezinha estava em Taboão da Serra, orientando Retiro para as Irmãs Passionistas; iniciou no dia 10 de julho à noite, programado para terminar no dia 16 com o almoço, mas no dia 15 pela manhã não tendo aparecido na capela, as Irmãs foram procurá-la, encontraram-na na cama, mas já sem fala e com o lado direito paralisado. Foi socorrida imediatamente no

hospital da região e depois transferida para São Paulo. Ficou na UTI até terça-feira, dia 19, à tarde, quando foi levada para o quarto, mas à noite veio a falecer. Ela morreu em plena atividade e fazendo aquilo que amava, na sua agenda tinha compromissos até para 2012.

Ir. Therezinha tinha 79 anos e 56 de Vida Religiosa, nasceu em Brazópolis/MG. Entrou na Congregação em 1953 e fez sua Primeira Profissão no dia 29 de janeiro de 1955. Trabalhou em diversas cidades em Minas Gerais: Carmo do Rio Claro, Caxambu, São Gonçalo e Silvianópolis. Em Borrazópolis/PR. Em Taguatinga/DF. Em Campinorte e Goiânia/GO. Joinville/SC. *No Rio de Janeiro a serviço da CRB Nacional.* Em Tanabi e São Paulo – capital, em diversas comunidades. Serviu a Província também como Conselheira e, depois, como Superiora Provincial. Assessorou muitas Congregações Religiosas com retiros e acompanhamento pessoal de Religiosas e Religiosos. Nas paróquias atuava na formação de lideranças, ministros e catequistas. Atualmente, na Província, era coordenadora local, membro da Equipe de Formação, acompanhando uma Aspirante, assessorava o Grupo de Fraternalistas da Providência aqui de São Paulo, *fazia parte também da ERB, Equipe de Reflexão Bíblica, da CRB Regional de São Paulo.*

Retomo agora as palavras de Ir. Eliana, na Missa de corpo presente: “O Senhor provou-me duramente sem à morte me entregar”, nos diz o salmo, e a Ir. Therezinha não foi entregue à morte, ao contrário, ela está de volta Àquele a quem ela entregou e consagrou sua vida toda. Parece que não é verdade, mas nos reunimos hoje para celebrar a passagem da nossa Ir. Therezinha. Diante desse fato, que só a fé é capaz de explicar, podemos repetir com o Padre Zezinho: “E quando acabarem as palavras e quando se esgotarem os recursos e já não adiantar recurso algum, experimentarei o que estou fazendo agora: confiarei de novo!”.

Como só a fé pode nos ajudar hoje, queremos não só chorar, mas agradecer a Deus pela vida, pela missão e pela pessoa que a Ir. Therezinha foi. Pudemos sentir essa marca nesses últimos dias: tantas pessoas nos ligaram, tantos estão

comungando conosco este momento dos mistérios dolorosos da vida, mas apesar do susto e da dor queremos agradecer e oferecer a vida dela, crendo que uma semente foi lançada na terra e dará os frutos esperados.

E cantando eternamente os louvores do Senhor agora está Ir. Therezinha, que, com toda certeza, será uma forte intercessora da Vida Religiosa junto d’Ele.

Com carinho e gratidão,

IRMÃ AMÉLIA MARIA NUNES, PGAP
Provincial

São Guido Maria Conforti, fundador dos Xaverianos

ALFIERO CERESOLI, SX*

Esperou dezesseis anos para conseguir a aprovação, mudou muitos artigos das Constituições para adequá-las ao Direito Canônico do tempo (1905-1921), mas uma característica ficou firme e imutável: a consagração religiosa pelos três votos. Aliás, quatro votos, pois tinha colocado em primeiro lugar o *voto de missão*, o voto de dedicar toda a própria vida para o anúncio do Evangelho aos não cristãos.

Guido Maria Conforti será oficialmente inserido no “Cânnon” dos Santos no dia 23 de outubro de 2011, Dia Mundial das Missões. Dia acertado, pois sua paixão fundamental, o oriente de sua vida, foi a missão *ad gentes*, ou seja, o anúncio do Evangelho e a proposta da adesão ao caminho de Jesus Cristo aos não cristãos “fora de nosso ambiente, cultura e Igreja de origem”.

São Guido Maria Conforti nasceu em 30 de março de 1865, em Parma (Itália), entrou no Seminário Diocesano ainda adolescente e foi ordenado presbítero em 1888: professor no Seminário, vigário-geral em sua diocese e, em 1902, bispo de Ravenna (Itália) e, em seguida, bispo de Parma até sua morte em 1931.

Quando seminarista, sonhou seguir as pegadas de São Francisco Xavier, o Padroeiro das Missões, o missionário que, pela palavra e pelo testemunho da caridade, andou semeando a mensagem de Jesus Cristo na Europa, na Índia, na Malásia e no Japão. Planejava ir até a China. Não conseguiu, falecendo às portas da China em 1552.

* **Padre Alfiero Ceresoli** é mestre de noviços e postulador da canonização de Guido Maria Conforti.

O seminarista Guido decidiu seguir a caminhada de Xavier, querendo ser missionário para entrar no “Celeste Império”. Também não conseguiu: nomeações a vigário-geral, a bispo e, sobretudo, por causa de doenças – o problema nos pulmões, com frequentes perdas de sangue, o acompanhou durante toda sua vida.

A China precisava ser evangelizada, por isso criou uma Congregação Missionária com finalidade exclusivamente missionária, cujo nome seria *São Francisco Xavier*, os Xaverianos! O carisma pode ser resumido nestas poucas palavras: “[...] a partir do encontro e da contemplação de Jesus crucificado, ser enviados aos não cristãos para tornar presente a Igreja, para anunciar Jesus Cristo com a palavra e com a vida e, em particular, com o testemunho da Consagração Religiosa”, e, quando possível, formar comunidades cristãs.

Os Xaverianos deveriam ser (na inspiração do Conforti) consagrados a Deus, porque a *missão* pede irreversibilidade, e os *votos* (no dizer do Conforti) são laços que nos amarram mais e mais ao divino serviço. O Evangelho e a *missão* de anunciá-lo requerem um Amor total, uma paixão (por que não?), uma loucura. “Loucura santa da cruz traduzida no dia a dia da vida”, costumava dizer!

Ficou sempre “diocesano”, mas consagrado como religioso. Professou seus votos no dia de sua ordenação episcopal para ser aberto à universalidade e para ser “vítima voluntária” para a sua diocese e para o mundo: *bispo* de uma cidade, *pastor* para o mundo.

O cultivo da arte na Vida Religiosa Consagrada

PLUTARCO ALMEIDA, SJ*

“Vós sois a luz do mundo.”

(Mt 5,14)

No meu noviciado, em Salvador, Bahia, o Padre Antonio Landolt, jesuíta suíço, dava aulas de Arte Sacra e levava todos os noviços para visitarem museus, exposições, igrejas seculares (e igreja antiga é o que não falta na Bahia!) e, sobretudo, a Catedral de Salvador, antiga capela do colégio, uma das relíquias preciosas deixadas pela Companhia de Jesus na “Boa Terra”, cuja arquitetura ele estudou amorosa e meticulosamente. Padre Antonio era um homem de grande sensibilidade, apaixonado pela arte, e transmitia essa paixão aos jovens noviços.

Trago esse fato para as páginas da *Convergência* porque tenho a leve (?) suspeita de que a questão da arte em geral na Vida Religiosa Consagrada parece que anda assim meio esquecida, deixada de lado mesmo. E, quando falo da “questão da arte”, quero me referir ao apreço que por ela todas as pessoas, inclusive religiosas e religiosos, deveriam ter. Mas quem sabe tudo não passe mesmo de uma impressão... Oxalá leitoras e leitores da revista queiram desmentir-me. Até ficaria feliz se isso acontecesse. De qualquer maneira, queria tocar neste assunto, e mais do que isso, “provocar” este assunto, “cutucar” o tema para que nossas formadoras e formadores, em especial, pudessem refletir mais um pouquinho sobre a importância de se cultivar a arte desde cedo, quer dizer, a partir das casas de formação. Por certo que não apenas nas etapas iniciais, mas em todo o decorrer da Vida Religiosa deveríamos cultivar a sensibilidade artística.

* **Padre Plutarco Almeida** é

jesuíta, jornalista,
editor da revista
Convergência.

Blog:

plutarcoalmeida.
blogspot.com.

Entretanto, acredito que se tal “processo de sensibilização”, vou chamá-lo assim, se inicia mais cedo tem melhores chances de vingar. Sim, porque depois, em meio à dureza dos labores apostólicos cotidianos, fica muito mais difícil, creio eu. Digo “cultivar a arte” porque estou convencido, em primeiro lugar, de que a arte é um dom sobrenatural, um presente especialíssimo de Deus que precisa de cultivo, que necessita de certos cuidados. Entregue à própria sorte, nenhuma pessoa de talento desenvolve o seu talento! Por melhor e por mais rico que seja esse seu talento, acrescento. Pode até ser que produza alguma coisa interessante. Talvez as pessoas gostem, elogiem, aplaudam etc., mas não passará de um pequeno raio de luz, quando poderia ser um sol a iluminar o mundo. Esta, aliás, é para mim a função principal da arte: iluminar o mundo, este nosso mundo meio “gris”, nebuloso, e tão carente de luz!

A arte e a fé

É desnecessário dizer que a arte, de um modo ou de outro, sempre esteve intimamente ligada à fé e à religião. Por outro lado, a Igreja Católica, ao longo da história, foi uma das instituições que mais motivaram e inspiraram os grandes artistas. Além do mais, a Igreja defendeu e preservou a arte em todas as suas principais expressões. Isso apesar de eventualmente ter exercido a censura e até mesmo a perseguição sobre algumas dessas expressões e seus autores, anote-se a bem da verdade. Entretanto, ninguém pode negar que a Igreja tem o mérito de ser talvez uma das maiores e melhores depositárias do que a humanidade

-

-

outras menos, os papas, os bispos, ou até mesmo os simples “curas”, souberam prestigiar os artistas e valorizar as obras que produziam em todos os campos da arte. O patrimônio artístico que hoje enriquece as igrejas e os museus religiosos em todo o mundo, especialmente na Europa, é a prova disso.

Quem já visitou a Capela Sistina e o Museu do Vaticano, em Roma (apenas para citar aqui dois dos locais mais famosos) sabe muito bem do que estou falando. Contemplar as maravilhas guardadas naqueles espaços é sem dúvida uma das experiências mais fantásticas que uma pessoa pode fazer, independente até da religião ou da Igreja a que pertença. Até quem não tem fé admira e se comove (e às vezes se converte). Mas também aqui em nosso continente as reduções jesuíticas são um excelente exemplo de como a Igreja pode ser um dos espaços mais privilegiados para o cultivo e o desenvolvimento das artes. No Brasil, o Padre José de Anchieta é considerado um dos precursores do teatro, e a história da nossa literatura registra a presença de ilustres autores católicos, clérigos e leigos.

O lugar da arte no mundo atual

Qual o lugar da arte na sociedade atual? Todo mundo sabe que o tempo de hoje é o tempo da matemática, a sociedade da tecnologia e da praticidade. Tudo acontece muito rapidamente, instantaneamente! Não há muito espaço nem tempo para o cultivo do espírito ou para saborear a arte, pois os interesses comerciais tendem a padronizar comportamentos, sempre visando ao lucro. Divagações, fruições artísticas e/ou espirituais em geral não são bem recebidas, a não ser que resultem em dividendos econômico-financeiros. Simplifica-se tudo, pois tudo pode caber num *chip*, sempre disponível a qualquer hora e em qualquer lugar. Ora, no mundo dos *bytes* tudo parece mecanizado, programado, formatado (!), e as pessoas simplesmente têm de submeter-se aos seus esquemas e obedecer ao que dita o “manual de instrução”.

Entretanto, para se apreciar uma obra de arte (que conduz ao enlevamento do espírito) é preciso tempo e liberdade. O tempo, o nosso tempo, é sempre muito corrido, e a liberdade muitas vezes é subtraída pela onda gigantesca dos apelos publicitários. Embora se diga que nunca se viveu um tempo de tantas liberdades, a verdade é que essas “liberdades” nem sempre se realizam completamente, pois muitos dos nossos comportamentos são programados pela mídia e seus apelos consumistas. Podemos, sim, escolher, desde que o objeto escolhido seja um daqueles previamente determinados pelo grande capital. É como se eu tivesse a “liberdade” de escolher qualquer cor, mas sempre dentro daquele conjunto de matizes e tonalidades previamente estabelecido. Tudo está pronto para ser “consumido”, sem demorar muito, sem pensar muito! Não é à toa que o sistema *fast-food* (“comida rápida”) é um dos símbolos mais contundentes desta sociedade. Ora, mas arte eu não “consumo” como se fosse um hambúrguer com batatas fritas! Arte é para ser apreciada, admirada, degustada com calma, “curtida”, como diziam os jovens lá pelos anos 1970-1980.

Aqui não estou afirmando, porém, que no mundo das tecnologias em que vivemos não haja espaço para o desenvolvimento das artes. A internet, por exemplo, é uma ferramenta importantíssima hoje em dia quando se trata de divulgar as diversas formas de expressão artística, entre outras coisas. Graças à sua ajuda, pode-se “navegar” pelos museus mais importantes do mundo e, assim, conhecer as produções belíssimas que a humanidade já produziu ao longo dos séculos. Fala-se agora no “livro digital”, que permitiria aumentar grandemente o número de leitores e também dos admiradores da literatura. Acredito, no entanto, que, mesmo reconhecendo todos os benefícios desse nosso “mundo digital”, a arte em geral não se dá por satisfeita, não está satisfeita.

Será este fenômeno um “sinal dos tempos”? Se a arte é uma das expressões mais importantes, mais “luminosas” da alma humana, da liberdade humana, ficamos, de repente, não mais que de repente, menos livres e, por isso, também menos “iluminados” e menos “iluminadores”, menos

humanos enfim? Estamos, de fato, “apagando as luzes”, isto é, desumanizando-nos, embrutecendo-nos? Seremos no futuro um bando de trogloditas tecnológicos?

O cultivo da arte na Vida Religiosa Consagrada hoje

Às vezes, até mesmo os(as) religiosos(as) aqui e ali começam a ceder aos encantos desse mundo novo, desse jeito novo de viver, porque de fato ele é envolvente, atraente e sufocante. Hoje, se fizéssemos uma pesquisa acerca do número de religiosas e religiosos que visitam um museu, uma exposição de arte etc., ao menos uma vez por ano, talvez ficássemos um tanto quanto decepcionados. Se perguntássemos a uma formadora quantos concertos musicais ou bons espetáculos teatrais as suas noviças já assistiram, a decepção seria idêntica. E os clássicos da literatura, quem já leu? O mesmo vale, é claro, para as congregações masculinas e até, quem sabe, para quem já tem bastante tempo na estrada da Vida Religiosa Consagrada. Imagino que para muitas superiores e superiores bem-intencionados ir a um museu, a uma galeria de arte, ou prestigiar um concerto de música erudita, uma ópera, um teatro, um musical de sucesso etc., é pura perda de tempo (e de dinheiro também!). Atualmente, esse é o tipo de atividade que realmente não cabe em certos programas de “formação” ou nos planejamentos de vida comunitária das nossas Casas Religiosas, salvo raríssimas e honrosas exceções (tão raríssimas quanto honrosas!).

De igual modo, no trabalho pastoral que se faz pelo Brasil afora pouca atenção se dá ao cultivo da arte. Exceções, é lógico, existem. Nesse sentido, eu destacaria o Movimento OPA, Oração pela Arte, criado pelo jesuíta paraguaio Padre Irala, que tenta evangelizar a juventude através das mais diversas expressões artísticas. Também a CRB Regional de Goiânia trabalha a questão vocacional com o apoio da arte. Trata-se do “ChamARTE”, que reúne e envolve os jovens vocacionados em dinâmicas muito interessantes a partir das

expressões artísticas mais conhecidas. Iniciativas como essas merecem ser mais divulgadas e apoiadas também.

Apelo

Vou parar por aqui porque o assunto é vasto e complicado. Não é do interesse (muito menos da competência) deste humilde escriba aprofundar uma discussão sobre o tema. Porém, de qualquer maneira, penso que talvez este meu texto encontre alguma repercussão positiva nas comunidades religiosas, provocando ao menos, quem sabe, uma boa conversa sobre o tema. Pode ser até que algum grupo, a partir das provocações do artigo, decida ir mais além, realizando debates mais demorados sobre a matéria. Se isso acontecer (glória a Deus!), eu me sentirei recompensado pelo esforço que fiz (e muito mais pela ousadia que tive!).

Sugestões concretas

1. Programe uma visita (de preferência em grupo) a um museu ou galeria de arte.
2. Convide algum artista conhecido e promova uma palestra, um bate-papo, um café etc. em sua comunidade religiosa.
3. Incentive as(os) religiosas(os) da sua Congregação/ seu Instituto que possuem algum talento artístico a prosseguirem nos estudos e no aperfeiçoamento dos seus dons.
4. Promova um encontro com os artistas da sua província/região/inspetoria e busque apoiá-los(as) na divulgação das suas obras (teatro, música, pintura, desenho, dança, cinema, literatura, escultura etc.).
5. Faça com que as liturgias na sua comunidade religiosa e em seus locais de pastoral utilizem a arte (música, dança, teatro etc.) como forma de oração e de louvor!

* **Padre Fernando López** é jesuíta, membro da Equipe Itinerante da Amazônia.
E-mail:
 jflopezperez@gmail.com.

** **Irmã Arizete Miranda** é religiosa, membro da Equipe Itinerante da Amazônia.
E-mail:
 arizete79@yahoo.com.br.

1. O *Documento de Manaus* (1997) foi o resultado do encontro dos bispos da Amazônia brasileira (Regionais do Norte da CNBB). Dito encontro foi assessorado pelo Padre Cláudio Perani, sj. O título do documento: “A Igreja se faz carne e arma sua tenda na Amazônia”.

Leveza institucional para a missão: “Membros do mesmo corpo que tem Cristo por Cabeça” (1Cor 12) Equilíbrio, complementaridade e articulação entre os três serviços missionários do corpo: Institucional, de Inserção e Itinerante

FERNANDO LÓPEZ, SJ*
 ARIZETE MIRANDA, CNS-CSA**

“A Igreja se faz carne e arma sua tenda na Amazônia.”
 (cf. Jo 1,14)

Recuperar a leveza institucional para a missão

O tema da leveza institucional para a missão é um dos apelos fortes que o Espírito está fazendo hoje à Igreja e à Vida Religiosa Consagrada para recuperar sua agilidade e frescor missionário, seu ardor e vigor profético no serviço do Reino e de sua Justiça (Mt 6,33) e da Vida Abundante (Jo 10,10) que Jesus prometeu para todos nós hoje, e para o amanhã, para o presente e para o futuro da humanidade e do planeta.

Em 1997, os bispos da Amazônia brasileira (Regionais Norte I e Norte II da CNBB), reunidos em Manaus, Amazonas, avaliaram e discerniram sobre a missão da Igreja na complexa e crítica conjuntura que vivem a Amazônia e seus povos. Saiu um documento muito corajoso, sugestivo e profético: “A Igreja se faz carne e arma sua tenda na Amazônia”. O próprio título, inspirado no início do Evangelho de João (1,14), evoca provisoriedade e leveza. Convida-nos a sermos uma Igreja mais encarnada e inserida, com estruturas leves de “tendas” (tapiris² na floresta e barracos de papelão e lona nas áreas de ocupação das cidades amazônicas).

Encoraja-nos para sermos uma Igreja a caminho, que mora em acampamentos provisórios, como os feitos pelos povos da região quando vão caçar, pescar ou coletar frutos do mato ou ovos de tartaruga nas praias dos rios. Uma Igreja desinstalada, *Povo de Deus* com os povos da Amazônia, que revela o rosto diverso-trino do Deus de distintos nomes, que rema pelos rios e bate o chinelo na poeira das estradas e trilhas da floresta, de aldeia em aldeia, de comunidade em comunidade, de periferia em periferia, de cidade em cidade... Uma Igreja profeticamente ousada e teimosamente incansável, na busca constante do “novo céu e nova terra” (Ap 21,1), da “Yvy Marane’y” (“Terra sem Males” dos guarani), do “Sumak Kawsay” (“Bem-Viver” dos quéchua)³ ou da “vida abundante” (Jo 10,10) com que sonham todos os povos de Abya Yala (América em língua Kuna) e do mundo.

Recentemente, a Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB), em sua Assembleia Geral Ordinária (Brasília, março de 2011), trabalhou o tema da “leveza institucional” assessorada pelo Irmão Afonso Murad (marista).⁴ No contexto amazônico, é retomado novamente o assunto da leveza no “Encontro das Águas” (Manaus, 12 a 15 de maio de 2011), que reuniu as diretorias dos três Regionais Amazônicos da CRB (Manaus, Belém e Rondônia) e os Provinciais e representantes que trabalham na região. O tema trabalhado foi “Amazônia: realidade, desafios e leveza institucional para a missão”. O Espírito continua soprando e provocando, inquietando e desinstalando, convocando e animando a Vida Religiosa Consagrada a ter disponibilidade e coragem, ousadia e compromisso, ternura e sabedoria para recuperar a leveza e profecia de seus carismas fundacionais, fundamental para o seguimento do Deus Encarnado, *com os olhos fixos em Jesus*,⁵ a serviço de sua missão profética do Reino.

Leveza institucional na Equipe Itinerante

Em continuidade a toda essa busca e reflexão, neste artigo tentamos aprofundar o tema da *leveza institucional* a partir de nossa pequena experiência como Equipe Itinerante (EI) a serviço da missão junto aos povos indígenas, aos ribeirinhos

2. Tapiri: choça provisória feita no meio da floresta com galhos e folhas. Os índios constroem esses acampamentos provisórios quando vão de caçada, colheita ou viagem para outras aldeias.

3. “Yvy Marane’y” (“Terra sem Males” dos guarani) e “Sumak Kawsay” (“Bem-Viver” dos quéchua) são dois paradigmas tradicionais indígenas que representam os projetos de vida no imaginário desses povos. O conceito de “Bem-Viver” foi introduzido nas novas Constituições da Bolívia e do Equador (2008) e está cobrando uma força política muito grande como paradigma alternativo ao atual modelo desenvolvimentista ocidental que está levando a humanidade e o planeta à destruição.

e às periferias urbanas da pan-Amazônia. A Equipe nasceu em 1998 no contexto de enormes desafios missionários da Amazônia: tentar atravessar as fronteiras, geográficas e simbólicas, da Amazônia nos dois sentidos, aprendendo no diálogo intercultural e religioso com os povos da região. A intuição foi do Padre Cláudio Perani (primeiro superior dos jesuítas da Amazônia brasileira): “Andem pela Amazônia e escutem o que o povo diz. [...] Não se preocupem com os resultados, o Espírito irá mostrando o caminho. [...] Coragem! Comecem por onde possam!”.

A EI é concebida como “um espaço interinstitucional de serviços a Igrejas, organizações, povos e comunidades da região amazônica, onde as feridas estão mais abertas e a vida mais ameaçada”. Sua vocação é de serviço a partir das intuições de: *itinerância e estruturas leves*, para facilitar a mobilidade de ir ao encontro dos povos da Amazônia; *intercongregacionalidade e interinstitucionalidade na missão*, para chegar juntos aonde sozinhos ninguém chega; *interdisciplinaridade no serviço*; *visão-reflexão-ação local-global, pan-amazônica e geopolítica*; *espiritualidade itinerante para estar com quem ninguém quer estar, onde ninguém quer estar e como ninguém quer estar, onde as feridas estão mais abertas e a vida mais ameaçada* – sobretudo pelas máfias (narcotráfico, madeira, ouro etc.) e os grandes projetos de desenvolvimento (hidroelétricas, hidrovias e estradas, madeireiras, mineração, agronegócio etc.) que agridem violentamente e depredam a Mãe Terra com todos os seus filhos e filhas.

O serviço itinerante tenta complementar os serviços mais institucionais e de inserção da Igreja na sua missão. Busca tecer as fronteiras entre estas três dimensões missionárias: Serviço Institucional – Serviço de Inserção – Serviço Itinerante. Procura restabelecer o equilíbrio, a complementaridade e relação dinâmica entre essas três dimensões/serviços missionários do corpo da Igreja.

Na atualidade, a EI está formada por doze pessoas de sete Instituições ou Congregações, distribuídas em três núcleos com bases em: Manaus (capital do estado do Amazonas, Brasil, 1998); Tabatinga-Santa Rosa-Letícia (no Alto Rio

4. Neste artigo aproveitamos as ricas inspirações e reflexões do Irmão Afonso Murad sobre a leveza institucional: <<http://afonsomurad.blogspot.com/search?q=leveza+institucional>>.

5. Lema da XXII Assembleia Geral Eletiva da Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB), Brasília, 18-22 de julho de 2010.

Solimões, Amazonas, tríplice fronteira Brasil-Peru-Colômbia, 2004); e em Boa Vista (capital do estado de Roraima, Brasil, tríplice fronteira Brasil-Venezuela-Guiana, 2008). Também há demandas para abrir novos núcleos nas tríplices fronteiras amazônicas do Brasil-Peru-Bolívia (Assis Brasil-Iñapari-Bolpebra) e do Brasil-Suriname-Guiana Francesa (Oiapoque). Na esperança da chegada de mais recursos humanos e institucionais, poderemos um dia servir nessas novas fronteiras. Também há algumas experiências de trabalho itinerante e interinstitucional na tríplice fronteira Peru-Ecuador-Colômbia e no Paraguai, fronteira com o Brasil (Mato Grosso do Sul), feitas por pessoas que conheceram a EI.

Três partes

Pessoas leves geram relações e instituições leves. Pessoas pesadas geram relações e instituições pesadas. Instituições leves ajudam a formar pessoas leves e geram relações leves com outras instituições. Instituições pesadas geram pessoas pesadas e relações pesadas entre as instituições. Há uma estreita relação entre as pessoas e as instituições em que elas nascem e crescem, se desenvolvem e trabalham. Por exemplo: é impressionante como a instituição familiar em que nascemos e crescemos marca profundamente nossas vidas em todas as suas dimensões.

Para abordar o tema da leveza institucional, é fundamental trabalhar nos três níveis seguintes: atitudes pessoais, estratégias e estruturas institucionais. Essas são as três partes que desenvolveremos neste artigo. Cada uma delas será iluminada com uma imagem amazônica e com alguns textos bíblicos que ajudem na reflexão e no discernimento sobre como avançar na leveza institucional como corpo para a missão.

1. Leveza interior – Atitudes. *As raízes da floresta amazônica* são a imagem que utilizaremos para iluminar a necessidade de cultivar a *leveza interior*, as atitudes pessoais de leveza como ponto essencial para a *leveza institucional*.

Jesus é homem livre enraizado no Pai e iluminado pela força do Espírito.

2. Leveza interinstitucional – Estratégias. A imagem será o *rio Amazonas* como resultado do “Encontro das Águas”. A estratégia de somar forças na missão, entre várias Instituições e Congregações, permite chegar aos grandes desafios aonde sozinho ninguém chega. Juntando esforços, a missão fica mais leve para todos. A interinstitucionalidade na missão é mais que uma estratégia... Na tradição bíblica, a água tem um significado muito fecundo e dinâmico.
3. Leveza do corpo – Estruturas. A imagem é o *ecossistema amazônico* integrado pela “Terra Firme, a Várzea e o Rio”. A leveza na estrutura do corpo da Vida Religiosa Consagrada e da Igreja para a missão depende do equilíbrio, da complementaridade e da relação entre os três serviços missionários: Institucional, de Inserção e Itinerante. Na tradição bíblica e na teologia do Batismo, essas dimensões da missão estão representadas pelos serviços de três figuras paradigmáticas: o Rei, o Sacerdote (Cristo na Carta aos Hebreus) e o Profeta. Por último, na teologia da Vida Religiosa Consagrada essas dimensões do serviço à missão têm um fecundo paralelismo com os três votos: Obediência, Pobreza e Castidade.

Leveza interior – Atitudes – Raízes

As raízes que ancoram, sustentam e tecem a floresta amazônica

O solo da Amazônia é, em geral, muito pobre em nutrientes.⁶ As árvores da Amazônia alimentam-se da capa de húmus (um metro) que a própria floresta foi milenarmente gerando e retroalimentando. O solo mais profundo serve para as árvores se sustentarem, se ancorarem, não tanto para se alimentarem. Nesse contexto (ecossistema), as árvores da floresta amazônica desenvolvem três tipos fundamentais de raízes: *raízes profundas*, para se ancorar; *raízes superficiais*,

6. Existem espalhadas por toda a Amazônia manchas de “terra preta” muito fértil.

para se alimentar da matéria orgânica (húmus); e também existem as *raízes aéreas* mais leves, os cipós, que tecem horizontalmente a floresta, umas árvores com outras, dando conectividade e maior estabilidade às árvores, permitindo que a vida, dos animais e plantas, transite e flua de uma árvore para outra ao longo de toda a rede florestal.

As distintas raízes se complementam: umas são fortes e profundas para ancorar; outras são longas e superficiais para captar os nutrientes e alimentar as árvores; outras são aéreas, leves e flexíveis para conectar em rede a floresta. As raízes são suporte e fonte de vida para as árvores, para toda a floresta e os animais que vivem nela. Sem as raízes as árvores não se sustentariam nem se alimentariam, nem se conectariam. Sem as raízes as árvores e a floresta morreriam, a Amazônia morreria com toda a sua diversidade de vida. Se uma árvore não tem raízes ou elas são fracas, a gente coloca por volta dela paus de escora para tentar salvá-la do próximo temporal. Contudo, com essas “muletas” as árvores ficam “preguiçosas” e não desenvolvem raízes fortes e profundas. Ficam mais e mais dependentes de suportes externos.

Jesus: leveza, liberdade e profecia

Os Evangelhos recolhem vários episódios onde Jesus expressa com grande coragem e liberdade que a Vida é o valor fundamental que está no centro da proposta do Reino de Deus. O central não é a religião, nem a lei, nem o sábado... É a vida: “Eu vim para que tenham vida, e a tenham em abundância” (Jo 10,10).

Como profeta itinerante,⁷ Jesus vai percorrendo os caminhos da Galileia, de aldeia em aldeia, seguido por seus discípulos. Num dia de sábado, premidos pela fome, os discípulos arrancam espigas para comer. Alguns os criticam, não por roubar algo que não é seu, mas sim por fazer um trabalho que não é permitido no dia de sábado. Jesus os defende lembrando que Davi e seus seguidores, sendo perseguidos por Saul, para saciar a fome não duvidaram em comer os

7. PAGOLA, José Antonio. *Jesus*; aproximação histórica. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 109-114.

“pães consagrados” dos sacerdotes (Mc 2,23-28; Mt 12,1-8; Lc 6,1-5).

Mais enérgico e transgressor da lei é Jesus quando se trata de doentes. As curas feitas por Jesus em dia de sábado recolhidas nos Evangelhos são: o homem da mão paralisada (Mt 12,9-14; Mc 3,1-6; Lc 6,6-11); a mulher doente (Lc 13,10-17); o homem hidrópico (Lc 14,1-6); o homem paralítico (Jo 5,1-18); o homem cego (Jo 9,1-40). Jesus não duvida em curar doentes em dia de sábado porque “o sábado foi feito para o homem e não o homem para o sábado” (cf. Mt 12,1-14).

Que dia melhor que o sábado para libertar as pessoas de suas doenças e enfermidades, para que possam, assim, realmente descansar e louvar ao Pai Bom? O que Deus quer é o bem das pessoas. Essa é a verdadeira intenção de toda lei que vem dele. Como não vai curar em dia de sábado? Se o sábado é para celebrar a libertação do trabalho e da escravidão, não é o dia mais apropriado para libertar os doentes dos sofrimentos e experimentarem, assim, o amor curador do Pai? A vida é o dom supremo e central do Reino de Deus!

É fundamental cultivar as raízes da leveza, da liberdade profética diante da lei e das instituições (também religiosas) que não defendem a vida. Leveza e liberdade profética para obedecer-transgredir sempre em favor da Vida Abundante (Jo 10,10), em favor do Reino e de sua Justiça (Mt 6,33). É necessário pedir a graça da leveza e da liberdade interior até o ponto de estarmos dispostos a entregar a vida para obedecer à/transgredir a lei-instituição em favor da vida e assumir as consequências: “Os fariseus saíram e tomaram a decisão de matar Jesus” (Mt 12,14; Jo 5,18).

Leveza interior: cultivar, alimentar e cuidar das nossas raízes

Com a imagem da floresta, das árvores e das suas diferentes raízes iluminamos a dimensão pessoal da leveza, “leveza interior”. As raízes representam as atitudes necessárias que devemos cultivar e cuidar para sermos pessoas leves, que

geram relações interpessoais, comunitárias e sociais leves. Pessoas com leveza interior promovem estratégias e estruturas institucionais leves, ágeis e flexíveis, até mesmo nas instituições de grande porte. Assim como acontece com a castanheira,⁸ árvore simples e majestosa da floresta amazônica que alcança até cinquenta metros de altura. Suas profundas raízes a ancoram no chão; as raízes superficiais a nutrem e alimentam; e os cipós (raízes aéreas), que outras árvores tecem com ela, dão-lhe maior estabilidade. Por essa dinâmica das distintas raízes a castanheira pode crescer grande e frondosa, ser estável e flexível, balançar (“dançar”) sem cair quando é atingida pelos temporais e, assim, oferecer seus ricos e nutritivos frutos.

Jesus nos desafia e anima a cultivar nossas raízes, nossa liberdade interior, nosso compromisso com o Reino e sua Justiça (Mt 6,33). A raiz da oração, encarnada e inculturada, a união íntima e cotidiana com o Pai, é a fonte que alimenta a vida e a missão de Jesus (Lc 6,12; 11,1). O fruto dessa união com o Pai é a liberdade profética de Jesus para obedecer à/transgredir a lei, desde o amor e em favor da vida dos mais pobres, dos excluídos e vulneráveis (Mt 12,1-14).

Para abordar o tema da leveza institucional para a missão, é fundamental perguntar-nos como cultivamos, como alimentamos e como cuidamos de nossa leveza interior, de nossas raízes. Como cultivamos as raízes da identidade como religiosos e religiosas? Em quem ancoramos nossa vida e missão? Como alimentamos nossa espiritualidade e que espiritualidade alimentamos? Como tecemos nossas relações com nós mesmos e com outros(as) diferentes? Como geramos processos de formação leves, profundos e flexíveis, que ajudam as pessoas a crescer leves e ser livres, profundas e flexíveis? Como somos leves e felizes, com profundidade e altura de visão, com estabilidade e flexibilidade suficientes para dançar e balançar sem cair nos temporais da nossa vida e missão, abertos ao Espírito, com liberdade e profecia?

Muitas vezes acontece que, nos processos de formação, insistimos mais em colocar estruturas e mais estruturas de proteção (muletas e escoras) em vez de ajudar as pessoas

8. Nome científico da castanheira: *Bertholletia excelsa* Kunth.

9. Para dados e compreensão da Amazônia: CNBB. *Profecia da Terra*; mudanças climáticas provocadas pelo aquecimento global. Brasília: Ed. CNBB, 2009. FONSECA, Ozório José de Menezes. Amazônia: olhar o passado, entender o presente, pensar o futuro. *Hiléia: Revista de Direito Ambiental da Amazônia*, Manaus: Ed. Governo do Estado do Amazonas/Secretaria de Estado da Cultura/Universidade do Estado do Amazonas, ano 3, n. 4, p. 87-146, 2005.

10. Ver: FONSECA, Amazônia: olhar o passado, entender o presente, pensar o futuro. Ver: CNBB, *Profecia da Terra*; mudanças climáticas provocadas pelo aquecimento global. Alguns outros dados amazônicos: um quinto da água doce

Leveza institucional para a missão: “Membros do mesmo corpo que tem Cristo por Cabeça” (1Cor 12)

a verdadeiramente enraizarem-se na experiência profunda de Deus Amor, que nos convida a voar em liberdade. No final, temos como resultado religiosos(as) “engessados(as)”, sufocados(as), sem liberdade, sem profecia, sem amor (castrados[as]), sem vida (mortos-vivos!).

Esta graça da leveza pessoal, da liberdade e da ousadia profética é dom e tarefa: dom que continuamente temos de pedir ao Senhor; tarefa que devemos responsabilmente assumir e cultivar, para poder obedecer à/transgredir a lei, com leveza e alegria, com liberdade e criatividade, com sabedoria e ousadia profética, sempre na dinâmica fecunda do amor e em favor da vida.

Leveza interinstitucional na missão – Estratégias – O Rio

A interinstitucionalidade inclui a intercongregacionalidade e integra também as instituições missionárias leigas e as organizações de boa vontade (ONGs, por exemplo) que trabalham na construção de um mundo mais justo, fraterno e plural para todos, não só para hoje, mas também para o dia de amanhã, para nossos filhos e os filhos de nossos filhos.

O rio Amazonas é fruto do “Encontro das Águas”

O grande bioma amazônico⁹ (sete milhões e quinhentos mil quilômetros quadrados, quarenta e três por cento da América do Sul) vive da água do rio Amazonas, maior do mundo em caudal (despeja no mar duzentos e vinte mil metros cúbicos por segundo, vinte por cento da água doce do planeta não congelada) e em extensão (6.762 km – o rio Nilo tem 6.671 km). No entanto, o majestoso e imponente Amazonas é fruto da singeleza e da coragem que muitas águas tiveram de doar-se e de somar umas com as outras. O rio Amazonas é o resultado do encontro de muitas águas: dos bilhões e bilhões de gotas de água que as diferentes árvores da floresta destilam cada manhã, do sereno da noite e do fresco orvalho que a grama e as ervas condensam na madrugada; das nuvens carregadas de umidade que vem do Oceano Atlântico e que

descarregam na floresta; da neve e do gelo que generosamente derretem na Cordilheira dos Andes e que descem velozes para somar na festa das águas, na festa da vida; do vapor e da neblina que ao longo do dia o sol quente retira dos lagos, dos igapós e da própria floresta – o “rio voador” amazônico transporta diariamente mais água evaporada (vinte bilhões de toneladas) que a própria descarga líquida diária no oceano (dezessete bilhões de toneladas); das chuvas abundantes que alimentam, banham e refrescam diariamente toda a região – a chuva média da região amazônica é de mil e setecentos milímetros; da multidão de nascentes, das cabeceiras, dos olhos d’água, das fontes, das cacimbas e dos poços que desde as regiões mais distantes no centro e no fundo das matas escorrem para formar uma teia de fios de água que, alegres, correm e se entrelaçam, em apaixonado abraço e em fecundo encontro, formando uma infinidade de córregos, de igarapés e rios, de igapós e remansos, de pororocas e correntezas, de paranás e lagos etc. A bacia amazônica têm uma rede fluvial de oitenta mil quilômetros, dos quais vinte e cinco mil são navegáveis.¹⁰

Todas essas águas, para chegar a formar o rio Amazonas, tiveram de sair de si próprias e doar-se, percorrer grandes distâncias, abrir caminho e saltar cachoeiras, enfrentar pedras e paus, superar barragens, obstáculos e desafios... Só assim, na simplicidade do encontro-encanto das águas é que acontece o milagre da explosão de diversidade da vida que a Amazônia significa para o equilíbrio presente e futuro da humanidade e do planeta. Lembrando que o bioma amazônico concentra mais de trinta por cento da biodiversidade e do estoque genético do planeta.

As águas que nascem do santuário se avolumam e fecundam a vida (Ez 47). Jesus convida a nascer de novo (Jo 3,15) e a somar com os que fazem o bem (Mc 9,38-40)

O profeta Ezequiel (Ez 47) nos dá uma imagem belíssima do rio de águas fecundas que brotam do templo, escorrem e crescem, gerando vida por onde passam.

do planeta (não congelada); um terço das árvores do mundo; oitenta mil espécies vegetais; mais de duzentas espécies de árvores por hectare; trinta milhões de espécies animais; aproximadamente mil e quinhentas espécies de peixes conhecidas; cerca de mil e trezentas espécies de pássaros; mais de trezentas espécies de mamíferos; dez por cento da biota universal; um vinte avos da superfície da Terra; setecentos e cinquenta milhões de hectares (quinhentos milhões no Brasil); quatro décimos da América do Sul; mais de trinta por cento da biodiversidade do planeta; trezentos e cinquenta milhões de hectares de florestas; dezessete milhões de hectares de reservas e parques nacionais; o Amazonas é o maior rio do mundo em extensão (6.762km);

[...] Em todo lugar por onde passar a torrente os seres vivos que a povoam terão vida. Haverá abundância de peixes, pois onde quer que essa água chegue, ela levará vida, de modo que haverá vida em todo lugar que a torrente atingir (cf. v. 9-10).

Nas margens da torrente, de um lado e do outro, haverá toda espécie de árvores com frutos comestíveis, cujas folhas e frutos não se esgotarão. Essas árvores produzirão novos frutos de mês em mês, porque a água da torrente vem do santuário. Por isso, os frutos servirão de alimento e as folhas de remédio (cf. v. 12).

Também Jesus ajuda seus discípulos a entenderem que se pode “somar na diferença” com todos aqueles, homens e mulheres de boa vontade, que sonham com um mundo melhor e que lutam na mesma missão em favor da vida, do amor, da justiça.

João disse a Jesus: “Mestre, vimos alguém expulsar demônios em teu nome. Mas nós o proibimos, porque ele não andava conosco”. Jesus, porém, disse: “Não o proibais, pois ninguém que faz um milagre em meu nome poderá logo depois falar mal de mim. Quem não é contra nós, está a nosso favor [...]” (Mc 9,38-40; Lc 9,49-50).

Aprender a somar com outros diferentes na missão (interinstitucional ou intercongregacional) do Reino é exigente. Exige sempre um risco, um “nascer de novo da água e do Espírito” (cf. Jo 3,5). Sem o risco da gravidez, os esforços e as dores do parto, não há nova vida! A interinstitucionalidade na missão exige deixar-se engravidar pelo Espírito, esforçar-se para não abortar pelas dificuldades e correr os riscos e as dores que todo parto acarreta no nascimento de toda vida-missão nova...

Interinstitucionalidade na missão: somando, chegamos aonde sozinhos não chegaríamos, e fica mais leve para todos!

Como as águas do rio Amazonas e as águas que nascem do santuário (Ez 47), que se encontram, crescem e geram

maior rio do mundo em volume de água (vazão média de duzentos e vinte mil metros cúbicos por segundo); o rio “voador” de vapor é de vinte milhões de toneladas de água por dia e a vazante diária no Atlântico é de dezessete milhões de toneladas – seriam necessárias cinquenta mil Itaipus a plena carga para evaporar toda essa água; aproximadamente oitenta mil quilômetros de rios; perto de vinte e cinco mil quilômetros de vias navegáveis; a maior província mineral do globo; mais ou menos trinta por cento do estoque genético da Terra.

muita vida, a Vida Religiosa Consagrada necessita encontrar-se para refletir sua *missão* na Amazônia e gerar vida. Partimos da convicção de que ser missionário na Amazônia, além de um desafio, é, sobretudo, um enorme privilégio. Por isso tomamos maior consciência de nossa responsabilidade como Vida Religiosa Consagrada nesta região. O que significa trabalhar no maior bioma da terra, fundamental para o presente e o futuro da humanidade e do planeta? Qual é nossa vida-missão profética neste chão com tamanha diversidade de vida, de povos e de culturas?

“Encontro das Águas”: esta imagem deu o nome aos encontros dos três Regionais da CRB presentes na Amazônia brasileira. Com essa inspiração do *encontro das águas* a CRB amazônica vem animando a caminhada da Vida Religiosa Consagrada na região para caracterizar, dar identidade e dinamismo à sua desafiante e profética missão amazônica. É necessário que as águas dos distintos carismas da Vida Religiosa se encontrem para somar no grande rio que enfrente e supere os gigantescos desafios amazônicos e gere vida abundante na região. É fundamental que a Vida Religiosa Consagrada continue buscando e aprendendo a somar intercongregacionalmente e interinstitucionalmente na missão.

“Se as águas não se encontram não tem força, não geram vida e apodrecem.” Se a Vida Religiosa não se encontra, apodrece e morre, não tem força e não pode desenvolver sua missão geradora de vida... Por isso as águas da Vida Religiosa e da Igreja devem juntar-se (intercongregacionalidade e interinstitucionalidade), para formar um grande rio de *vida abundante* para todos. Somar também com outros que não participam da Igreja (de nossa Igreja), com outras pessoas e instituições da sociedade que trabalham em favor da justiça social e ambiental. Assim, poderemos enfrentar, corajosa e criativamente, solidária e fraternalmente, os grandes desafios. Somando, tudo fica mais leve para os que se juntam numa mesma missão. O desafio está em aprender a somar e a trabalhar com os outros diferentes, em diálogo com os sujeitos locais, acertando e errando juntos, assumindo e

construindo projetos comuns em favor da justiça socioambiental, da vida da humanidade e do planeta.

Sendo sinceros, todos reconhecemos que nos sentimos pequenos e incapazes de responder adequadamente aos grandes desafios que a Amazônia apresenta hoje. Nem em nível pessoal, nem em nível institucional temos recursos humanos, materiais e econômicos suficientes para responder a essas desafiantes fronteiras missionárias. E se sozinho ninguém pode responder a essas feridas mais abertas da Amazônia, onde a vida de seus povos e da Mãe Terra está mais ameaçada, surge a pergunta: será que Deus se esqueceu de suas filhas e filhos prediletos, dos mais crucificados? Certamente, o problema não é de Deus. O Pai é fiel aos pobres injustiçados. Talvez o que Deus esteja querendo nos dizer é que temos de trabalhar na *sua missão* de outro jeito: somando e multiplicando para juntos chegarmos aonde sozinhos (pessoal ou institucionalmente) não podemos chegar.

Interinstitucionalidade na missão é muito mais que uma simples estratégia de somar forçados, porque não temos missionários(as) suficientes... É uma nova perspectiva de discernir, de viver e de realizar a missão. A interinstitucionalidade na missão nos obriga a superar o individualismo e a fragmentação, pessoal e institucional, que durante muitos anos vivemos e continuamos vivendo como sociedade, como Igreja, como Congregações religiosas... Esse modo fragmentado e individualista de viver e de trabalhar na missão pode ser até admirável, porque nos gastamos e desgastamos, porém não é mais imitável, porque nos faz funcionais ao sistema individualista e fragmentário atual. O individualismo, pessoal ou institucional, não é a proposta de Jesus e do seu Evangelho. Divididos, fragmentados e de modo individual, não podemos testemunhar e revelar a realidade na perspectiva do Reino e de sua Justiça (Mt 6,33).

A interinstitucionalidade na missão nos facilita somar recursos humanos, materiais e econômicos, ficando mais leve para cada uma das partes institucionais que se unem e organizam para viver, discernir e trabalhar nos projetos missionários assumidos em comum. Além disso, a

interinstitucionalidade na missão nos possibilita ter uma visão mais ampla e dar uma resposta mais rica e diversa à própria realidade complexa que vivemos.

Por outro lado, a interinstitucionalidade exige que “o nosso seja tão importante quanto o meu”.¹¹ Que a nossa missão comum seja, pelo menos, tão importante quanto a minha missão pessoal ou institucional. Também a interinstitucionalidade na missão exige um perfil de missionário que saiba trabalhar com outros, em equipe, somando em diversidade de perspectivas, de visões, de carismas etc. Isso exige também que os(as) novos(as) religiosos(as) sejam formados(as) nesta perspectiva “inter”. Porém, ainda no presente momento, não se tem amadurecido e consolidado suficientemente essa *cultura interinstitucional na missão*. Cada um continua priorizando seu pedaço! Aos poucos, estamos aprendendo. Necessitamos continuar ousando com coragem, com acertos e erros, mas fazendo caminho e experiências concretas de interinstitucionalidade na missão. É preciso arriscar, tem de deixar-se *engravidar* pelo Espírito, para *nascer de novo* a esse modo de viver e assumir a missão intercongregacionalmente, interinstitucionalmente. Sem ousadia, sem “gravidez”, não há vida nova, não há missão nova!

Leveza do Corpo para a Missão – Estruturas – Ecossistema Terra Firme-Várzea-Rio. Equilíbrio, complementaridade e articulação dos três serviços missionários: Institucional – de Inserção – Itinerante

O ecossistema amazônico: Terra Firme-Várzea-Rio (TF-V-R)

Este característico ecossistema amazônico é um exemplo muito rico de equilíbrio, complementaridade e relação fecunda que gera muita vida na região: um terço da biodiversidade do planeta!

A Terra Firme se desenvolve em áreas que não estão sujeitas a inundações por estarem situadas em relevos mais

11. Um artigo da Equipe Itinerante, publicado em *Convergência* em 2008, expõe nossa experiência de trabalho interinstitucional: “Interinstitucionalidade na missão: o nosso tão importante quanto o meu!”. Também disponível em: <<http://www.amazoniaitinerante.110mb.com/Interinstitucionalidade.pdf>>.

elevados, onde não alcançam as enchentes periódicas dos rios. Essa característica favorece a proliferação de árvores de grande porte, que podem alcançar até cinquenta metros de altura, como, por exemplo, a castanheira. Nessa altura as copas das árvores, das ramas e das folhas se entrelaçam, impedindo a penetração de luz solar no seu interior e, por isso, não se desenvolve grande quantidade de plantas rasteiras. Da terra firme tira-se a madeira, combina-se a extração de diferentes frutos e fibras silvestres com a caça de diversos animais. Também se cultivam produtos de ciclo longo e árvores frutíferas etc.

A Várzea se estabelece em áreas mais baixas que a terra firme, por isso sofre inundações no período da enchente dos rios. A terra de várzea é muito fértil por causa da umidade e dos limos ricos em nutrientes transportados pelos rios durante as enchentes e depositados nessas áreas alagadiças. Por isso na várzea a vegetação cresce vigorosa, tendo árvores que oscilam entre vinte e cinco e trinta metros de altura. Também, as áreas de várzea são apropriadas para o cultivo de produtos de ciclo curto: mandioca, macaxeira, feijão, milho, batata-doce, melancia etc. Tudo que se planta “vinga” farta e viçosamente, graças às águas do “santuário amazônico” que periodicamente banham e fecundam essas áreas.

O Rio é, por fim, a fonte permanente que fecunda e dinamiza toda a vida amazônica e, em particular, esse rico ecossistema (TF-V-R). O rio é o caminho de comunicação entre os sítios, as vilas, as comunidades e as cidades amazônicas. Do rio se tira o “peixe nosso de cada dia”, base fundamental da alimentação das comunidades e dos povos que vivem nas ribeiras dos rios da Amazônia. Nele se tece o sagrado cotidiano da vida das comunidades: água facilitadora de oração-contemplação-purificação; água que corre e comunica as comunidades, que facilita o encontro e o namoro no balanço da canoa; água fonte de inspiração, de música e de poesia; água que periodicamente renova e recria a vida; água para matar a sede, para limpar o peixe e preparar o “beiju”, para cozinhar os alimentos; água que limpa o corpo

e a vestimenta; água para brincar e jogar, para nadar e pescar; água para refrescar o corpo e descansar depois da longa jornada... Água que é “placenta e berço” da vida.

As *comunidades ribeirinhas, caboclas e indígenas* que vivem neste rico e diverso ecossistema (TF-V-R) aprenderam a adaptar e relacionar suas vidas com essas três realidades. Elas sabem combinar os recursos naturais que cada uma delas oferece nas distintas épocas do ano, e segundo o regime das águas (enchente e vazante). As pessoas que moram nele aprenderam a ser homens e mulheres da *Terra Firme*, da *Várzea* e do *Rio*. Sabiamente adaptaram-se a cada uma dessas realidades, combinando seus recursos diferenciados: a caça e a colheita de terra firme com os cultivos de ciclo curto nas praias e nas várzeas e com o peixe abundante que o rio generosamente oferece, especialmente na época de vazante e na época de “piracema” (tempo em que o peixe sobe os rios para desovar). Mas hoje a mudança climática está desequilibrando este sistema com fortes secas (2005) e gigantescas enchentes (2009) que matam a vida.

A sabedoria dos povos tradicionais da Amazônia criou uma relação, um uso equilibrado e complementar, dessas três realidades (TF-V-R) que integram o ecossistema amazônico. Este saber ancestral permitiu aos povos indígenas viver e multiplicar suas comunidades, por mais de dez mil anos, na região. Eles aprenderam a se relacionar em harmonia e reciprocidade sagrada (não mercantilista nem depredadora) com o meio ambiente amazônico, com toda a sua diversidade e riqueza de recursos naturais. Dos povos indígenas aprenderam as comunidades ribeirinhas, mestiças e caboclas, que também nos últimos séculos se têm multiplicado por toda a Amazônia, relacionando-se com equilíbrio e complementaridade com a terra firme, a várzea e o rio.

A imagem amazônica do ecossistema formado por TF-V-R serve-nos também para iluminar esta reflexão sobre a leveza institucional para a missão da Vida Religiosa Consagrada e da própria Igreja na Amazônia. É nesse equilíbrio, nessa complementaridade e nessa relação dos distintos membros e serviços do corpo missionário que podemos viver

nossa vocação com fecundidade, com gratuidade e alegria de coração, com leveza e profecia, assumindo e multiplicando a “vida abundante” (Jo 10,10) que Cristo nos oferece.

Três serviços missionários: Institucional, de Inserção e Itinerante

Ao longo da história do Povo de Israel, da própria Igreja a partir de seus inícios e da Vida Religiosa Consagrada na sua diversidade de carismas, podemos identificar três tipos de serviços missionários fundamentais que sempre estiveram presentes, em fecunda e dinâmica tensão:

Serviço Institucional

A dimensão institucional da vida humana é um fato constitutivo. A estruturação institucional é que dá *peso, continuidade e estabilidade* à vida humana, à sociedade, à Vida Religiosa Consagrada e à missão da Igreja. A própria família, em seus distintos formatos, é uma instituição que procura dar a estabilidade e continuidade necessárias para que as crianças possam desenvolver-se bem em todas as suas dimensões. Uma parte importante da missão da Igreja e da Vida Religiosa se desenvolve a partir deste serviço mais institucional: escolas, hospitais e tantas outras instituições vinculadas à Vida Religiosa e à Igreja oferecem seus serviços em favor da missão do Reino de Deus. Também a própria Igreja e a Vida Religiosa, com seus diferentes carismas e serviços, têm uma dimensão institucional fundamental que é constitutiva.

Esta dimensão mais institucional do serviço à missão pode ser ilustrada com a imagem da *Terra Firme* do ecossistema amazônico TF-V-R, que é mais estável e livre de enchentes.

Por outro lado, podemos iluminar este serviço institucional com distintos elementos bíblico-teológicos: a partir da teologia trinitária, esta dimensão institucional de continuidade e de estabilidade pode ser associada com a primeira pessoa da Trindade, *Deus Pai*. Na teologia do Batismo, identificamos aqui o serviço do *Rei*, do governo. Por último, na teologia da Vida Religiosa, esta dimensão mais institucional do serviço vincula-se ao voto de *Obediência*,

à escuta da vontade do Pai. A pessoa de *Pedro*, “pedra” de alicerce, representa esta dimensão mais institucional do serviço da Igreja que dá estrutura, estabilidade e continuidade à sua missão (Mt 16,18; At 10).

Serviço de Inserção

É a dimensão *encarnatória*, que nos dá *proximidade solidária*, que nos ajuda a *inserir* e “estar com” *os crucificados*. A inserção possibilita-nos chegar às “entranhas da vida”, às “feridas mais abertas”, para fazer-nos próximos dos crucificados deste mundo, dos mais pobres, excluídos e culturalmente diferentes, que têm suas vidas mais ameaçadas. A inserção impulsiona-nos a fazer-nos judeus com os judeus, gregos com os gregos, guarani com os guarani, yanomami com os yanomami, vulneráveis com os vulneráveis e tudo a todos (cf. 1Cor 9,19-23). A inserção nos abre com maior profundidade à dinâmica do diálogo intercultural e inter-religioso com a diversidade de povos e de culturas, para viver e para aprender juntos o Mistério de Deus, já presente nesta realidade antes de nós chegarmos.

A *Várzea*, entre a *Terra Firme* e o *Rio*, periodicamente submersa pelas enchentes, é a imagem amazônica associada a esta dimensão mais inserida, inculturada e encarnada do serviço missionário que nos convida a mergulhar fundo onde a criação fumeja em gritos de morte diante dos grandes desafios amazônicos.

Desde uma perspectiva trinitária, esta dimensão está vinculada com a Segunda Pessoa da Trindade, com *Deus Filho*, o Verbo Encarnado, o Emanuel – Deus-Conosco –, verdadeiramente presente nos mais pobres e excluídos (Mt 25). A partir da teologia batismal, é o serviço do novo *Sacerdócio* instaurado por Cristo, único e verdadeiro Sacerdote (Hb 4,14), Filho de Deus e irmão dos homens. Sacerdócio encarnado, não separado do povo, como no Antigo Testamento. Na teologia da Vida Religiosa, o serviço de inserção plasma-se no voto de *Pobreza*, que nos anima a viver com um estilo de vida não consumista e não depredador. Sendo, assim, testemunhas de que é possível viver felizes

austeramente, com o suficiente e o realmente necessário, compartilhando o que somos e temos com os mais pobres e excluídos deste mundo. A figura de *Paulo*, por exemplo, que se faz “tudo a todos” (cf. 1Cor 9,19-23), vivendo nas famílias e trabalhando com elas para se sustentar na missão (At 18,1-3), pode iluminar este serviço de Inserção.

Serviço Itinerante

A itinerância presta o serviço de *conectividade e inclusão* das realidades mais de fronteira, sejam elas geográficas, sejam simbólicas. A itinerância exige chegar fraterna e solidariamente nas fronteiras para escutá-las e senti-las, admirá-las e respeitá-las, descendo e tirando as sandálias, pois o lugar é “sagrado” (cf. Ex 3,5). Ela possibilita sermos “bons samaritanos” (Lc 10,29-37) pelos caminhos, rios e florestas da Amazônia. A itinerância permite atravessar e incluir as fronteiras das realidades novas e desconhecidas, mais ignoradas, desprezadas e excluídas; tenta ajudar a superar a invisibilidade dessas realidades. Também permite superar o isolamento dos membros do corpo missionário da Igreja e a fragmentação de suas ações conectando uns com os outros. A itinerância tece e fortalece a rede de relações para responder mais adequadamente aos grandes desafios da missão. Ela facilita fazer-se presente solidariamente onde a vida está mais ameaçada, nos novos cenários onde não chegam inicialmente os níveis mais institucionais e de inserção do serviço missionário da Igreja. A leveza e a agilidade do serviço itinerante facilitam chegar e conhecer as novas realidades socioambientais mais vulneráveis e fragilizadas. O serviço itinerante soma com as comunidades, equipes e organizações locais para buscar e construir com elas e a partir delas respostas e serviços mais inseridos e institucionais, partindo de suas reais necessidades.

A imagem do ecossistema amazônico que identificamos com este serviço missionário itinerante é o *Rio*, sempre em movimento, incluindo, conectando e fecundando a vida dos povos, das comunidades e de todo o bioma amazônico.

A partir da teologia trinitária, o serviço itinerante vincula-se com a Terceira Pessoa da Trindade, com *Deus Espírito*

Santo, que como o vento sutilmente vem e vai para onde quer (Jo 3,8). Na teologia sacramental do Batismo, é o serviço do *Profeta*, livre para ir e vir, para anunciar e denunciar, para fazer-se presente gratuita e solidariamente onde toda forma de vida está mais ameaçada. E a partir da teologia da Vida Religiosa Consagrada é o voto de *Castidade* que nos faz disponíveis, ternos e fecundos, abertos e sensíveis para ir ao encontro dos “outros” e assumi-los como irmãos e irmãs, como família; livres e disponíveis para percorrer amando e servindo, fazendo todo o bem possível e tudo o que ele nos disser, lá onde há mais necessidade; aprendendo a fazer-se irmã(o) com as(os) irmãs(os), com a Mãe Terra, com o irmão Sol e a irmã Água; construindo caminhos novos no diálogo e na convivência com o diferente. Livres até para entregar a própria vida se for necessário. Duas figuras do Novo Testamento podem iluminar esta dimensão itinerante do serviço missionário: *Paulo* é o missionário itinerante, que atravessa as fronteiras geográficas e simbólicas para anunciar a Boa-Nova e para incluir os pagãos que o Judaísmo excluía do Projeto de Deus. Por outro lado, temos a figura de *João Evangelista*, que representa a itinerância interior do amor, que se aproxima, encosta sua cabeça sobre o peito e escuta o latejar do coração de Jesus, que nos ensina a amar com radicalidade, até mesmo os inimigos, e até entregar a própria vida. João anuncia que Deus é Amor e que a Deus só se conhece amando os irmãos e as irmãs (1Jo 4,7-21). E denuncia que “todo aquele que não pratica a justiça não é de Deus, como também não é de Deus quem não ama o seu irmão” (1Jo 3,10).

O exemplo de Jesus, Profeta Itinerante,¹² é muito iluminador: “Jesus andava por cidades e aldeias anunciando a Boa-Notícia do Reino de Deus, seus discípulos e discípulas iam com ele” (cf. Lc 8,1-3). E envia os seus discípulos dois a dois pelas aldeias e lugares por onde ele ia passar (cf. Lc 10,1-9). Jesus é o profeta da itinerância geográfica (exterior) e simbolicamente (interior). O profeta do amor radical que atravessa as fronteiras da exclusão e da marginalização para incluir todos os excluídos e os marginalizados na mesma mesa

12. PAGOLA, *Jesus*; aproximação histórica. Nas seiscentas e cinquenta páginas do livro aparece mais de quarenta e cinco vezes o termo “itinerante” para caracterizar a vida e missão de Jesus e seus seguidores. “Profeta itinerante”, p. 109-114; “Atividade Itinerante”, p. 579: “Por volta do ano 27-28, Jesus inicia uma atividade itinerante que o leva da Galileia a Jerusalém, onde será executado provavelmente a 7 de abril do ano 30. Trata-se, portanto, de uma atividade intensa mas breve, pois não chegou a durar três anos. Não é possível reconstruir com exatidão os lugares de sua atividade e suas rotas de viagem.

do banquete do Reino (cf. Lc 14,16-24; cf. Mt 22,2-13). São contínuas as refeições de Jesus com pecadores(as) e excluídos(as) que se sentem acolhidos(as) amorosamente por Deus. Isso surpreende a muitos (Mc 1,16) e provoca rejeição de outros: “Eis um comilão e beberrão, amigo de pecadores” (cf. Lc 7,34; cf. Mt 11,19). Jesus itenera e ama radicalmente, sai de si mesmo até o extremo de amar os inimigos (cf. Mt 5,44) e doar/dar a vida (cf. Jo 15,13) para que todos tenham vida abundante (Jo 10,10). É o profeta itinerante que não deixa que seus discípulos se acomodem: obriga-os a entrar na barca e atravessar para a outra margem (cf. Mt 14,22). É o profeta itinerante aberto à novidade de Deus, sempre presente nas outras margens, nas “fronteiras” geográficas ou simbólicas. É o episódio da mulher siro-fenícia (de cultura, língua, religião diferentes) que “converte” Jesus, ajudando-o a compreender que o Projeto do Pai é além-fronteiras (judaicas, romanas, ocidentais etc.) (cf. Mt 15,21-28). Profeta itinerante livre para transgredir ou obedecer a qualquer lei, dependendo de ela estar contra ou a favor da vida.¹³ Tal liberdade do Profeta questiona e incomoda... Por isso determinam sua morte e buscam eliminá-lo (cf. Mt 12,14; cf. Jo 5,18). Nenhum profeta ou profetisa morre de velho(a)!

Resumindo num quadro essas três dimensões do serviço missionário, temos:

	Serviço Institucional	Serviço de Inserção	Serviço Itinerante
Contribuição específica	<i>Estabilidade, Continuidade</i>	<i>Proximidade, Encarnação</i>	<i>Conectividade, Inclusão</i>
Imagem Amazônica	<i>Terra Firme</i>	<i>Vá(e)-2(0.5.5(o)-77(e3.716 TcI4(a)-5T</i>	

“Membros de um mesmo corpo que tem o Cristo por Cabeça” (cf. 1Cor 12): equilíbrio, complementaridade e articulação entre os três serviços missionários

Para enfrentar os grandes desafios que a Amazônia e seus povos vivem hoje, é fundamental equilibrar, complementar e articular estes três serviços missionários da Igreja e da Vida Religiosa Consagrada: Institucional – de Inserção – Itinerante. Por um lado, é importante repartir de modo equilibrado os recursos humanos, materiais e econômicos entre esses três serviços missionários para que as forças e os pesos estejam bem distribuídos. Porém, também é fundamental compreender que esses serviços são complementares entre si e devem estar relacionados e articulados, “como membros de um mesmo corpo”, para que a missão seja mais leve, fecunda e profética.

A Trindade, *Pai-Filho-Espírito Santo*, Deus Uno e Trino, unidade na diversidade, nos inspira e ilumina para buscar o equilíbrio e a relação íntima e fecunda entre essas três dimensões do serviço ao Reino. Pela graça do Batismo cada cristão passa a ser *Rei-Sacerdote-Profeta*. Integra na sua vida o compromisso com essa tríplice dimensão do serviço à missão do Reino e sua Justiça no mundo (Mt 6,33). Pelos conselhos evangélicos de *Obediência-Pobreza-Castidade*, intimamente ligados na Vida Religiosa Consagrada, assumimos o seguimento do Encarnado-Crucificado-Ressuscitado no serviço de Sua Missão.

A Vida Religiosa e a Igreja têm, hoje, o desafio de equilibrar, complementar e articular essas três dimensões do serviço missionário. Hoje é fundamental atravessar e tecer as fronteiras e superar as barreiras entre esses três serviços do corpo apostólico da Igreja na sua missão. É necessária, porém insuficiente se ficar sozinha, a vocação do rei que serve ao governo do corpo institucional. É necessária, porém insuficiente, só a vocação do profeta-itinerante, conhecedor crítico do passado, propositivo e intenso no presente, com sábia visão de futuro, que nas “fronteiras” descobre os novos

13. Espigas arrancadas em dia de sábado (Mc 2,23-28; Mt 12,1-8; Lc 6,1-5) e as curas em dia sábado (Mt 12,9-14; Mc 3,1-6; Lc 6,6-11; Lc 13, 10-17; Lc 14,1-6; Jo 5,1-18; Jo 9,1-40).

horizontes no rosto dos “outros”. Também é necessária, porém insuficiente, só a vocação do sacerdote-inserido, que descobre Deus nos rostos dos injustiçados e empobrecidos, excluídos e culturalmente diferentes, encarnando-se nos subúrbios da história.

A presença e articulação desses três serviços são fundamentais. Os sacerdotes-inseridos e os profetas-itinerantes devem traduzir sua experiência numa linguagem compreensível para que o serviço do rei-instituição possa chegar a conhecer, a entender, a acolher e a servir a esses diferentes “outros-rostos”, prediletos do Pai.

É necessário que o rei-instituição itine para a inserção e para as fronteiras. Para isso, tanto o profeta como o sacerdote devem itinerar junto ao rei para ajudá-lo a descer, a ver, a escutar e a sentir os clamores de seu povo que clama por justiça e reclama sua presença amorosa, curadora e libertadora. Muitas vezes a instituição-rei não escuta, nem vê, nem sente, nem entende, nem faz, nem deixa fazer, porque seus pés e suas mãos, seu coração e sua mente, sua vontade e seus desejos estão muito longe da vida cotidiana dos pobres, das fronteiras onde as feridas seguem abertas, as vidas diariamente ameaçadas e violentadas, até mesmo assassinadas. O rei está muito ocupado, envolvido e atrapalhado em assegurar as estruturas institucionais (gestão e administração), que são necessárias, porém insuficientes para animar a vida da missão e responder a seus desafios. O rei fica, assim, preso às estruturas, muito longe de seu povo inserido e itinerante pelas fronteiras da vida. O sacerdote e o profeta devem ajudá-lo a conectar-se com a realidade dos mais pobres e excluídos e, desse modo, buscar respostas mais institucionais e estáveis a suas necessidades.

O problema se dá não tanto pela sadia tensão entre essas três dimensões, senão porque a relação entre elas se quebra irreparavelmente ou porque, infelizmente, alguma delas é eliminada do corpo missionário para o serviço do Povo de Deus.

O desafio está em trabalhar articuladamente com a mudança dos corações e das estruturas injustas (religiosas,

econômicas, culturais e políticas), encarnando-se e atravessando as “fronteiras”, itinerando nos dois sentidos: da inserção à instituição e vice-versa, do centro à periferia-fronteira e vice-versa. É fundamental itinerar e transitar a fronteira no duplo sentido: não só para a inserção com os “outros” e itinerância para as fronteiras, geográficas e simbólicas, mas é necessária e fundamental a inserção dos “outros” e a itinerância das fronteiras para dentro da instituição. Também é fundamental atravessar as fronteiras e estabelecer relações, profundas e fecundas, entre o Rei-Instituição-Obediência, o Sacerdote-Inserção-Pobreza e o Profeta-Itinerância-Castidade. Se as relações estão quebradas ou rígidas, enfrentando-se antagonicamente, ou se alguma dessas dimensões é excluída, o serviço à missão se empobrece, e os pobres e excluídos estarão ainda mais abandonados à sua sorte.

Profetas-itinerantes, sacerdotes-inseridos e reis-institucionais são interdependentes no serviço da missão do Reino de Vida Abundante (Jo 10,10). O caminho é a aliança entre itinerância-inserção-instituição, entre sacerdote-profeta-rei. Tal aliança é vital para a esperança dos mais pobres que estão nas fronteiras, no limite entre o humano e o inumano, entre a vida e a morte. Porém, essa aliança do cristão sacerdote-profeta-rei e do religioso pobre-casto-obediente é fundamentalmente com os “outros”, com os pobres e excluídos, nas fronteiras de seus rostos humanos desumanizados. É ali, nas feridas da história, cara a cara (sem máscaras) com os crucificados, que somos questionados e interpelados, que podemos nos converter, pessoal e institucionalmente. É com eles e a partir deles que o Mistério Pascal se atualiza e acontece o milagre da Ressurreição e da Vida Abundante.

Este é o exercício coerente, lúcido e maduro, corajoso e profético, de que hoje a Igreja necessita, assim como a Vida Religiosa, a sociedade e o mundo, para abrir caminhos de diálogo, de respeito e de justiça na convivência entre os iguais na diferença, testemunhando com atitudes a presença e o compromisso do Deus de diferentes nomes na defesa da vida e da esperança para as futuras gerações. Não haverá esperança se não conseguirmos itinerar, transitar, traduzir e incidir nesses

múltiplos sentidos. Hoje é fundamental ajudar para que a visão crítica do profeta (denúncia-anúncio) e o encontro afetivo e efetivo do sacerdote (Deus-conosco e Deus-nos-outros, nos pobres) sejam compreendidos na mente e no coração do rei. Só assim o rei poderá construir respostas institucionais e estruturais sustentáveis, que ajudem a recuperar os sonhos e o compromisso com “o novo céu e a nova terra”. Articulando esses três serviços missionários, poderemos encarar a luta pela mudança de paradigma do mundo, para que seja mais justo, austero, fraterno e solidário, com políticas públicas sustentáveis, que defendam a vida e os direitos de todos os seres, da Mãe Terra e do cosmo.

Desafio atual: fortalecer os serviços de Inserção e Itinerante para a missão

Talvez hoje a dimensão/serviço Institucional tenha ocupado a maior parte de espaço da Igreja e da Vida Religiosa Consagrada, não deixando que as outras dimensões/serviços de Inserção e Itinerante se desenvolvessem suficientemente. Com a diminuição das vocações (principalmente sacerdotais e religiosas), foi-se recortando os recursos humanos dos outros serviços menos institucionais (de inserção e itinerante) para poder manter os serviços institucionais, de maior peso, que dão maior segurança... e que, também, nos instalam e acomodam mais! A consequência disso é que o corpo apostólico para a missão ficou enfraquecido, perdeu agilidade e leveza, ardor e vigor profético, e sua solidária encarnação junto aos mais injustiçados nas fronteiras da humanidade e da Mãe Terra.

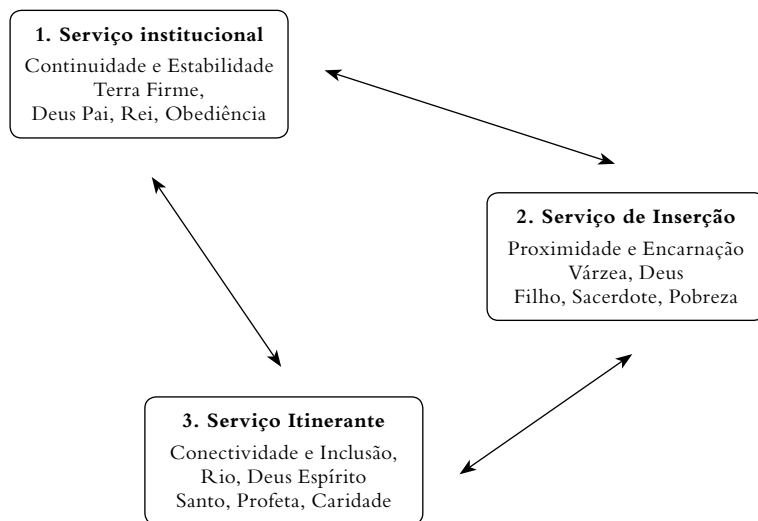
O desafio atual da missão da Igreja e da Vida Religiosa é encarnar-se e ser profética, pedir essa graça e assumir essa tarefa. Ter coragem para restabelecer o equilíbrio, em quantidade e qualidade, entre esses três serviços missionários, articulando-os complementária e fecundamente, em sadia tensão espiritual para a missão.

Hoje é urgente dar uma parada para diagnosticar a leveza ou o peso de nosso “corpo” institucional para a missão,

antes que sofra um “infarto”. Diagnosticada a situação, há que discernir a “dieta” que vamos dar para corrigir as “gorduras” excessivas. Só assim a instituição vai adquirir a agilidade, a leveza e o vigor missionário da “juventude”, do tempo do “primeiro amor”.

Equilíbrio, complementaridade e articulação dos três serviços missionários

“Membros de um mesmo Corpo que tem Cristo por Cabeça” (cf. 1Cor 12)



Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Como trabalhamos nossas raízes para sermos pessoas mais livres e leves? Nós as cuidamos e cultivamos pessoal e comunitariamente? A formação trabalha esta dimensão de leveza e de liberdade pessoal e grupal?
2. Há consciência e abertura nas nossas Congregações e Instituições sobre e para este novo paradigma intercongregacional-interinstitucional de assumir e viver a missão? Há disposição para arriscar e fazer experiências concretas nesta linha? Somos formados para assumir missões comuns com outros carismas, pessoas e grupos diferentes? Se já temos experiências concretas: a nossa missão interinstitucional é tão importante quanto nossa missão congregacional? Há corresponsabilidade na missão comum assumida entre as Congregações e Instituições?
3. Na nossa Congregação ou Instituição há equilíbrio entre os três serviços missionários: Institucional, de Inserção e Itinerante? Como estão distribuídos os recursos humanos, materiais e econômicos entre eles? Há equidade? Como está constituído nosso conselho de governo, há representação equilibrada dessas três dimensões do serviço missionário? Compreendem-se essas três dimensões/serviços como complementárias(os) ou são vistas(os) como antagônicas(os) e em contínuo conflito? Cultiva-se a inter-relação entre as pessoas e obras que prestam serviço nessas(es) dimensões/serviços? Temos consciência e trabalhamos na missão como “membros do mesmo Corpo que tem Jesus Cristo por Cabeça”? Como podemos, de modo concreto, corrigir e avançar no equilíbrio, na complementaridade e articulação dessas(es) três dimensões/serviços missionárias(os) para que nosso corpo institucional adquira novamente leveza e perfume, profecia e vigor missionário?

Missão profética da Vida Religiosa num mundo plural

507

VICTOR CODINA, SJ*

Missão profética num mundo injusto

A Vida Religiosa sempre foi sensível aos pobres, aos enfermos, às crianças abandonadas, aos anciãos, aos prisioneiros, aos encarcerados, aos migrantes, aos jovens em perigo, aos sofredores de qualquer tipo de necessidade. O seguimento evangélico de muitas Congregações Religiosas nasceu do desejo evangélico de socorrer os necessitados, vítimas da pobreza e do infortúnio. O exemplo de Jesus de Nazaré, que curava os enfermos, libertava os endemoniados e dava de comer aos pobres, foi sempre um estímulo para a Vida Religiosa.

Essa linha profética tem-se intensificado no mundo moderno com a insurgência da questão social que nos fez ver que tais formas de pobreza não são casuais, mas fruto de estruturas contemporâneas e políticas injustas que empobrecem e discriminam as grandes maiorias. A Doutrina Social do magistério pontifício moderno; o desejo de João XXIII de que o rosto da Igreja do Concílio Vaticano II fosse, sobretudo, o da Igreja dos pobres; a Conferência de Medellín (1968), que relê o Concílio desde a situação da pobreza injusta da América Latina; a opção pelos pobres de Puebla (1979); a volta ao Jesus histórico que anuncia o Reino aos pobres como um lugar teológico privilegiado...; tudo isso configurou um novo imaginário social e religioso que a Vida Religiosa da América Latina, impelida pela Confederação Latino-Americana e Caribenha de Religiosos e Religiosas (CLAR), fez seu, e o assumiu seriamente.

* **Padre Victor Codina** é jesuíta, professor emérito de Teologia da Universidad Católica Boliviana (UCB), escritor, conferencista e assessor de pastorais sociais.

Endereço do autor: Pasaje Escudaño 101, Casilla 2175, Cochabamba, Bolívia.
E-mail: victorcodina@yahoo.es.

Da indignação perante a injustiça estrutural de nossos países e da experiência espiritual do Jesus presente no pobre, tem nascido, na Vida Religiosa, o desejo de aproximação aos pobres, de praticar o direito e a justiça que anunciavam os profetas bíblicos, de tirar da cruz os crucificados da história. Fruto desta nova sensibilidade foi a revisão de nossas instituições apostólicas, de nossos destinatários prioritários, de nosso estilo de vida, de nossa mentalidade social, de nossa própria espiritualidade e de uma volta às nossas origens evangélicas e carismáticas. As Comunidades Religiosas Inseridas em Meios Populares (CRIMPO) têm sido uma das expressões mais claras desta mudança de mentalidade.

Como sempre, as mulheres têm sido as pioneiras e as que mais tomaram a sério este êxodo do centro à periferia, da cidade ao campo, das classes médias e altas às mais pobres e excluídas socialmente, às vítimas e aos “ninguém”. Nessa “caminhada”, para os pobres surgiram conflitos eclesiais e também políticos, houve mártires religiosos junto aos muitos mártires do povo pobre. A Vida Religiosa tem sido um sinal profético num mundo injusto e pobre.

Tudo isso já é conhecido. É algo já adquirido, refletido e escrito, mas continua presente em nosso mundo, que favorece a globalização assimétrica, onde aumenta o número de pobres e a diferença entre ricos e pobres, possibilitando as ameaças de fome e de crises maiores, pois os planos do milênio das grandes potências para eliminar a fome têm fracassado.

A partir de tudo o que acabamos de relatar, pretendemos dar um passo a mais, não para voltar ao passado, mas para ir ao futuro.

Não se vive só de pão

Desde o final do século XX, com as quedas do Muro de Berlin (1989) e das Torres Gêmeas de Nova York (2001), algo está mudando e desafiando o mundo moderno.

O ser humano não vive só de pão. A humanidade tem fome de pão e de rosas, de cultura e de beleza, de relações

humanas e de ternura, de cultura e de religião, de harmonia com a natureza, tem sede de espiritualidade. Os pobres, os explorados, possuem rosto de cor, sexo, cultura, idade, religião. O socioeconômico, por necessário que seja, não esgota todas as dimensões humanas. O erro do marxismo não foi só filosófico, econômico e teológico, foi também um erro antropológico, porque o ser humano não se sacia com os alimentos terrenos, tem sede de humanidade e busca o sentido de sua vida.

Não basta analisar a situação socioeconômica de uma população, saúde, trabalho, escolarização, água, eletricidade, escolaridade, esperança de vida, índice migratório... É preciso levar em conta sua cultura, etnia, idade, gênero, língua, religião e *cosmo*-visão, seu relacionamento com a terra. Perguntam-se: por que cada dia se levantam para lutar pela vida? Por que têm esperança, por que não se suicidam coletivamente, por que casam e geram filhos, por que brincam, celebram festas e compram flores?

Na atualidade, está aflorando a importância do múltiplo, do diferente, do pluralismo, dos outros, do Outro. Se a preocupação socioeconômica era prioritária pela igualdade, agora aparece a importância das diferenças da alteridade. Poder-se-ia afirmar que, se a Segunda Ilustração estava influenciada por Marx e o quantitativo, a chamada Terceira Ilustração (Agenor Brighenti) está mais sensibilizada pelo qualitativo, pela alegria vital (Nietzsche), pelo simbólico (Ricoeur), pelo religioso e místico (Mircea Eliade), pelo olhar do diferente (Levinas), pelo diálogo comunicativo (Habermas).

Para evitar os mal-entendidos, temos de reconhecer que esta alteridade pluralista, muitas vezes, é uma alteridade que está excluída e marginalizada. As mulheres, os indígenas, afro-africanos, os jovens... são os mais pobres entre os pobres, que devem ser libertados de sua pobreza. Mas a mulher não é só uma categoria social de pobreza, é um sujeito rico de humanidade e de possibilidades. Os indígenas e afro-americanos são muito pobres, porém são herdeiros de sabedorias milenares. Os pobres não são *Lumpen-proletariat*, mas sujeitos com valores e riquezas humanas.

Os conflitos atuais da humanidade, ainda que tenham raízes econômicas, revelam problemas mais profundos de cultura, raça, etnia, religião, sexo, idade e ecologia. Os campos de concentração do Holocausto judeu no tempo dos nazistas; a guerra do Balcãs, nas antigas repúblicas soviéticas; as disputas tribais na África entre hútus e tútsis; os conflitos entre Israel e Palestina; a guerra da Al Qaeda contra o Ocidente; a rebelião dos jovens indignados no norte da África e na Espanha; os movimentos feministas e ecologistas etc. revelam uma eclosão das alteridades e mostram que as diferenças não são respeitadas nem valorizadas, mas, muitas vezes, percebidas com oposição, perigo e inimizade.

No âmbito eclesial, o primeiro conflito, na Igreja primitiva de Jerusalém, nasceu das tensões culturais entre judeo-cristãos e cristãos helenistas (Hb 6,15; Gl 2). As crises de Roma com o Oriente cristão e a Reforma Protestante têm uma grande carga cultural, a evangelização da América Latina esteve marcada pela imposição da cultura luso-espanhola e da religião cristã sem valorizar as culturas e muito menos as religiões originárias. Grande parte dos problemas atuais entre Roma e as Igrejas locais nasce do pouco respeito e do pouco diálogo com as diversas culturas e tradições religiosas das Igrejas locais, confundindo unidade com uniformidade e acreditando que a Igreja universal tem prioridade ontológica e cronológica sobre a Igreja local (*Communio notio*, 1992).

Mas qual seria o fundamento teológico da existência desse pluralismo e da diversidade?

Fundamento teológico da alteridade

Estamos tão acostumados a olhar com desconfiança o pluralismo e a alteridade que facilmente chamamos Babel e confusão à diversidade, quando, pelo contrário, o relato bíblico de Babel (Gn 11) é uma crítica à pretensão do pensamento único. Contrariamente, Pentecostes significa anti-Babel, a existência de formas plurais de cada um dos assistentes, membros de diversos povos que ouviam e entendiam

a pregação de Pedro em sua própria língua, entender a Palavra (At 2,9-11).

Diante de toda pretensão de uniformidade, da imposição de uma cultura sobre outra, de uma religião sobre outra, de um sexo sobre outro, de uma raça sobre outra, de uma mentalidade e *cosmo*-visão sobre outra, o Espírito, pluralidade, riqueza de dons e de carismas, se manifesta na diversidade de línguas de fogo (At 2,3).

A *Ruah* divina, Alento vital, que no meio do caos originário pairava para fecundar as águas, gerou uma diversidade de seres, uma biodiversidade de viventes, os diferentes sexos humanos. O primeiro relato do Gênesis nos descreve simbólica e poeticamente a aparição dessa pluralidade criada por Deus: luz e trevas, céu e terra, sementes e árvores, sol, lua e estrelas, monstros marinhos, aves, répteis e animais selvagens, finalmente o ser humano, varão e mulher (Gn 1,1-27).

Esse Deus que falou de diversas maneiras e em diversas ocasiões, nos últimos tempos, nos falou por seu Filho (Hb 1,1-2). Jesus, ainda que, primariamente, se sente enviado aos filhos de Israel, dialoga com a samaritana (Jo 4), atende o pedido da siro-fenícia e cura sua filha (Mc 7,24-30), louva a fé do centurião romano (Mt 8,5-13) e a fé das pessoas que, desde as diversas culturas e religiões, se abrem ao Mistério de Deus: a rainha do Sul, os ninivitas (Mt 12,41-42), a viúva de Sarepta e Naamã, o sírio (Lc 4,24-27).

Mas será o Espírito Ressuscitado que definitivamente abrirá as portas da Igreja nascente às diversas culturas (At 10), e Paulo mostrará que a diversidade de dons e carismas do Espírito está a serviço de um corpo eclesial (1Cor 12,12s).

Esse Espírito derramado sobre toda carne (At 2,17) é o que promove e anima em toda a humanidade diversas religiões e culturas, e tudo o orienta à consumação escatológica. Os diversos sinais dos tempos não são mais do que sinais da presença do Espírito em nosso mundo (*Gaudium et Spes* 11, 44).

Tudo convida a não temer a pluralidade e não desconfiar da alteridade, a não pretender sufocá-la e reprimi-la em nome de uma falsa concepção de unidade.

Por trás desses convites para abrir-se à alteridade que se fundamenta na atitude de Jesus e na efusão do Espírito esconde-se algo mais profundo: Deus é um mistério de unidade na pluralidade de pessoas, a Trindade é uma comunidade de diferentes, cada pessoa se abre e entrega às outras numa misteriosa relação amorosa que os Padres Orientais da Igreja chamam de *perichoresis*, que significa algo assim como uma dança circular de íntima compenetração e comunhão entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

A diversidade da criação, a riqueza do universo criado, que vai desde os micro-organismos às galáxias e às espécies variadas de viventes, a diversidade sexual, cultural e religiosa, tudo é o reflexo e uma pálida imagem da plenitude e diversidade trinitária que se expande em nosso mundo e em nossa história. Somos seres diferentes e únicos, mas seres em relação com os outros e destinados à comunhão com todos, em comunhão também com a natureza e o cosmos, comunhão que atinge sua plenitude na comunhão trinitária, em nossa *koinonia* com o Pai, por Jesus, no Espírito.

Pretender eliminar a diversidade, submeter o pluralismo à ditadura do pensamento único é pecar contra o Espírito, é atentar contra a comunhão e negar o mistério da pluralidade de pessoas na Trindade.

O elogio da diversidade, evidentemente, não nega a igual dignidade e a unidade fundamental dos seres humanos, ao contrário, promove a unidade e a dignidade de todos, porém, ao mesmo tempo, respeitando sua diversidade sexual, cultural e religiosa. Deus não quer que as diferenças levem à exclusão social, cultural, sexual e religiosa, nem a uma submissão e exploração despótica da criação, cuja riqueza de biodiversidade deve ser respeitada e não anulada. Há diversos dons, mas “há um só Senhor, uma só fé, um só Batismo, um só Deus e Pai de todos” (Ef 4,5-6).

Estamos, com respeito à pluralidade de todos os tipos, lamentavelmente longe, não nos respeitamos, não nos reconhecemos em nossa alteridade; queremos impor um sexo, uma cultura, uma religião, uma *cosmo*-visão sobre as outras. Cruzadas e Inquisição, guerras de religião, escravidão e marginalização de culturas, patriarcalismo, machismo, racismo dos brancos sobre outra raças, conflitos de civilizações, imposição do estilo de vida e do progresso ocidental (*american way of life*) sobre os demais, genocídios e guerras, exploração impiedosa da natureza sem respeitar o *habitat* de seus donos originários: tudo isso não é mais do que consequência de não reconhecer, de não aceitar, de não respeitar a alteridade e o pluralismo querido por Deus, reflexo e imagem da comunhão trinitária.

Desde esses fundamentos teológicos e desde esta triste realidade conflitiva que vivemos é que surge a pergunta sobre qual deva ser o profetismo da Vida Religiosa neste mundo plural.

Um novo profetismo

O profetismo da Vida Religiosa deve manifestar-se diante do nosso mundo plural. A Vida Religiosa, diante de uma denúncia de exclusão da alteridade baseada na uniformidade imposta, deve apresentar o anúncio do valor das diferenças como algo querido por Deus que contribui para a riqueza humana e cósmica da criação.

Tudo quanto temos afirmado sobre o fundamento teológico da diversidade pode servir de base para assumir e difundir uma atitude positiva perante o pluralismo de nosso mundo atual. Esta atitude positiva, em princípio, deve olhar com simpatia às vindicações dos diferentes grupos que têm sido secularmente excluídos e que agora começam a acordar: mulheres, indígenas, afro-americanos, jovens, homossexuais, ecologistas, grupos religiosos não reconhecidos oficialmente, culturas ocidentais etc.

Tudo isso não nega a necessidade de auscultar e, sobretudo, discernir, à luz do Evangelho, esses movimentos conforme

o conselho paulino: “Não apagueis o Espírito, não desprezeis os dons de profecia, mas examinai tudo e guardai o que for bom” (Ts 5,19).

Diálogo

Mas, concretamente, temos de assumir uma atitude de respeito com os outros diferentes. A atitude que o Concílio Vaticano II propiciou ao “passar do anátema ao diálogo” (Garaudy), e que Paulo VI fundamentou em sua primeira e bela encíclica, *Ecclesiam Suam* (1964), deve ser assumida pela Vida Religiosa de hoje.

O diálogo de salvação que Deus iniciou com a humanidade de Cristo deve prolongar-se através da Igreja de hoje. Diálogo com todos, com crentes e não crentes; diálogo ecumênico entre as diferentes Igrejas, diálogo de grupos católicos, diálogo entre as diferentes culturas, diálogo com mulheres, jovens, indígenas e afro-americanos, com políticos, cientistas e intelectuais, diálogo com o povo simples etc.

A missão começa hoje pelo diálogo, pela escuta paciente do(a) outro(a), para aprender e enriquecer-se com as outras cosmovisões e polimorfias. Ninguém as possui em exclusividade. Temos de evitar atitudes fanáticas e fundamentalistas para não cair na ditadura do pensamento único.

Mas esse diálogo supõe atitudes prévias que condicionam o diálogo autêntico. É preciso proximidade e clima de amizade com o(a) outro(a); não ter medo; buscar sinceramente a verdade, superar preconceitos do passado e do presente; estar dispostos a esquecer e perdoar, a escutar o(a) outro(a) sem interrompê-lo(a), mas pensando em como refutá-lo dialeticamente enquanto ele ainda está falando.

Tal atitude de diálogo não exclui manifestar sinceramente nossa opinião, nossa identidade cultural, religiosa e política, sem medo nem complexos de superioridade nem de inferioridade, expondo simplesmente nossos motivos e convicções. Desde o ponto de vista da missão, o diálogo não exclui o anúncio, quando se achar oportuno. Mas, ordinariamente,

antes do diálogo intelectual, teórico, ou teológico, deve preceder o diálogo vital da própria experiência e da vida, pois o que nos une, a todos os seres humanos, é muito mais forte do que o que nos diferencia.

Temos de estar dispostos a enriquecer-nos com as contribuições dos outros, pois ninguém possui a verdade com exclusividade. Temos de estar dispostos a mudar de opinião e converter-nos, a separar danos causados anteriormente e a renunciar a interesses e privilégios de classe, gênero, raça, idade, cultura ou religião. Isso supõe abandonar toda atitude de prepotência, de segurança e de infalibilidade.

Como Cristo, sempre temos de ter presente a luz da Palavra de Deus, que sempre ilumina, inspira e alimenta a prática de justiça, amar com ternura e caminhar humildemente diante do Senhor (cf. Mq 6,8). A Vida Religiosa deve ser uma escola do diálogo e da comunhão.

Uma nova práxis

Mas não basta denunciar as atitudes exclusivas e anunciar a riqueza da diversidade como algo querido por Deus. Não basta uma atitude de diálogo se não se chegar a uma atitude nova de práxis.

Em nível de missão apostólica, este tipo de profecia num mundo pluralista supõe ir além dos muros de nossas tradições habituais e abrir-nos às novas fronteiras, aos novos aréopagos, não só dialogar, mas trabalhar e colaborar com os(as) outros(as) em obras de interesse comum, ainda que não sejam as “nossas”. Isso implica colaborar entre homens e mulheres, entre leigos(as) e religiosos(as), entre diversas Congregações e diferentes confissões religiosas, entre crentes, agnósticos e ateus, entre gente de diversas culturas, etnias, idades, orientações sexuais...

Isso não é fácil, porque ainda há inércias fortes que nos atam ao de sempre, à velha Igreja de cristandade, ao machismo, à cultura ocidental, à nossa Congregação, às nossas obras. Mas se queremos dar ao mundo pluralista nossa Congregação, nossas obras; se queremos dar ao mundo

pluralista de hoje um sinal de que é possível viver, conviver e trabalhar num clima de não só tolerância e respeito, mas de diálogo e colaboração, temos de abrir-nos a este novo horizonte “inter”: intercultural, inter-religioso, interétnico e internacional, interetário, intergenérico etc. Em países de minoria cristã, essa colaboração de cristãos e não cristãos em obras de educação e sociais já é um fato conhecido faz muito tempo.

Mas há um outro passo a dar, também nada fácil, que é o comunitário. Temos de abrir-nos a comunidades intercongregacionais, ecumênicas, interculturais, onde convivam religiosos e leigos, crentes e não crentes, gente de diferentes raças e culturas, até mesmo de diferentes sexos. Existem experiências de comunidades abertas, intercongregacionais, interétnicas, de diferentes idades, nacionalidades; há comunidades religiosas que convivem com emigrantes e refugiados de diferentes culturas, raças e religiões... O caminho está aberto; temos de experimentar e discernir, não extinguir o Espírito.

Circularidade profética

Seria ingenuidade e pobreza teológica contrapor a missão profética da Vida Religiosa diante da injustiça com a missão profética da Vida Religiosa num mundo plural. Não há oposição entre o trabalho pela justiça e o empenho pelo respeito às diferenças. Não há contraposição entre a cristologia do Jesus de Nazaré histórico que opta pelos pobres e a pneumatologia que distribui pluralidade de dons e carismas. Não há contradição entre Páscoa e Pentecostes. Há circularidade de complementação profética.

No fundo, toda missão, toda profecia quer anunciar e realizar o Reino de Deus, que é um Reino de justiça, de solidariedade, de respeito às diferenças, de igualdade e liberdade. Todos somos filhos do mesmo Pai, que nos criou diferentes, porém irmãos e irmãs. A última palavra é sempre comunhão, *koinonia*, comunhão entre diferentes, reflexo da comunhão trinitária unida às diferenças.

Isso é o que, em última análise, a Vida Religiosa há de testemunhar no mundo de hoje. Um mundo desigual e injusto socialmente, um mundo dividido pelas lutas entre diferentes raças, culturas, sexos e religiões: todos(as) somos irmãos(ãs) e filhos(as) de um mesmo Deus, Pai-Mãe, por Jesus Cristo e no Espírito.

Terminemos com um breve relato de Timothy Radcliffe, ex-mestre dos dominicanos, no Congresso Internacional de Vida Religiosa, em Roma, em 2004:

Também abraçamos as diferenças étnicas e culturais dentro de nossas comunidades. Viajei de carro pelo Burundi, quando o país ainda ardia, para visitar certas Irmãs contemplativas do norte. Metade eram túsis, metade eram hútus. Todas tinham perdido suas famílias, exceto uma noviça. Enquanto estava lá com elas, o pároco chamou a noviça para dizer-lhe que seus pais acabavam de ser assassinados. Em que pese tudo isso, vivem em paz entre elas. Isto só é possível por que levam uma vida de oração profunda e pelo esforço incansável de viver em comunhão. É crucial para elas ouvir o rádio juntas e partilhar, assim, sua dor. Num país onde tudo tinha sido queimado e ninguém podia semear nada, sua colina reverdecia, pois qualquer pessoa podia ir e semear e ver crescer sua colheita num lugar seguro. Uma colina reverdecer numa terra seca é sinal de esperança.¹

A Vida Religiosa deve ser sempre um pequeno espaço verde e oxigenado, um lugar de inclusão fraternal em meio a um mundo que arde entre divisões e exclusões violentas.

(Trad.: Padre Victoriano Baquero, sj)

1. RADCLIFFE, T. *A Vida Religiosa depois do 11 de Setembro. Que sinais oferecemos, na Paixão por Cristo e pela humanidade?* Congresso Internacional da Vida Consagrada, Roma, novembro de 2004. Madrid, 2005. Disponível em: <www.op.org.ar/articulos/Radcliffe_04.doc>.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Somos conscientes de que a problemática da justiça complementa a problemática da alteridade e da diversidade?
2. Temos uma visão teológica adequada da riqueza da diversidade na criação, na Igreja e na sociedade?
3. Como fomentar em nossa Vida Religiosa Consagrada uma atitude de diálogo, de convivência e de colaboração com outras pessoas de diferentes culturas, Congregações, carismas, religiões etc.?

As Missões Populares no Brasil à luz do Concílio Vaticano II

519

* **Padre Gelson Luiz Mikuszka**

é missionário redentorista, mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná, coordenador da Equipe das Missões Populares no estado do Paraná.

Endereço do

autor: Rua Dr. Zamenhof, 45, CEP 80030-320, Bairro Alto da Glória, Curitiba-PR.
E-mail: pegelson@hotmail.com.

GELSON LUIZ MIKUSZKA, C.SS.R*

As Missões Populares nasceram na Europa, no século XVI, no panorama do Concílio de Trento, com caráter de evangelização temporária, sendo definidas como o fenômeno mais característico e importante do contexto religioso dos séculos XVII e XVIII (cf. Chiovaro, 1995, p. 344). Expandiram-se quando o Papa Inocêncio X suprimiu, com a bula *Instaurandae regularis disciplinae* (1652),¹ os pequenos conventos e casas religiosas. As comunidades rurais, geralmente atendidas pelos religiosos, ficaram desassistidas, gerando dificuldades para a pastoral. Mais tarde, o Papa Bento XIV (papa de 1740 a 1758), buscando uma forma de amenizar a situação das paróquias nas regiões europeias, sugeriu o aumento dessas Missões.

Praticadas nos países europeus, por diversas Congregações e Ordens religiosas, as Missões Populares ajudaram a implantar as determinações do Concílio de Trento, marcado por declarações dogmáticas, doutrinárias e disciplinadoras. Ficaram conhecidas como “Missões Sacras” e eram destinadas a católicos e não católicos (cf. Amarante, 2003, p. 73). Tais fatos contribuíram para que o século XVIII fosse chamado de “época de ouro das Missões Populares”.

Sempre realizadas num processo de caminhada popular, a partir de um território específico – paróquia ou diocese –, tinham a característica de chamar à conversão e trazer pessoas à Igreja. Com o Concílio Vaticano II, passaram por remodelação. Desde então, buscam atingir as pessoas no seu comportamento cotidiano, num modelo de Igreja

1. Num ambiente de Contrarreforma, depois de um censo detalhado das Ordens religiosas, foi decretado que as casas religiosas que não apoiassem economicamente o Papa seriam suprimidas, impedidas da reforma e de renovação. As mais prejudicadas foram as Ordens mendicantes. Instalou-se verdadeiro caos na pastoral, influenciando negativamente o atendimento ao povo, principalmente nas regiões rurais. (cf. Chiovaro, 1995, p. 344-345).

animada, numa evangelização baseada na simplicidade e na criatividade. Um dos seus aspectos óbvios é a itinerância dos missionários, elemento importante de seu fundamento e sua mística.

Chegaram ao Brasil no período colonial, alguns anos depois da implantação das paróquias, entre 1580 e 1640. No início, marcaram presença com os franciscanos, carmelitas, beneditinos, agostinianos e mercedários (cf. Hoor-naert, 1977, p. 54). No final do século XIX, chegaram os redentoristas e outras Ordens. Os vários métodos implantados, em face das diferenças entre Congregações e Ordens que aqui se fixaram, denotam perfil popular, respondendo de diversas maneiras às exigências de fé. Marcaram presença nos lugares em que muitas vezes não havia fé, estimulando o encontro com Cristo através da Igreja e contribuindo com uma ação missionária no Brasil. Num esquema baseado na teologia tridentina – mensagem penitencial, sacramental e moral –, por muitos séculos adotaram esse modelo fixo e bem estabelecido.

Este artigo pretende mostrar três elementos que ajudam a entender as Missões Populares na dimensão das reflexões conciliares: as transformações sofridas a partir do Concílio Vaticano II, os desafios e a validade para a atualidade, as perspectivas para o futuro próximo.

As transformações diante do Concílio Vaticano II

Até o Concílio Vaticano II, as Missões Populares possuíam um campo bem definido. Traziam a ideia de cristandade, com uma imagem de missionários heróis e míticos que partiam para salvar os infieis ou os afastados da Igreja, numa teologia doutrinal, dogmática e de disciplina. Inspiravam prestígio, heroísmo e transitoriedade. Com o avanço da Modernidade, muitos parâmetros estabelecidos e a ação evangelizadora eclesial confrontam com problemas culturais, sociais, políticos, econômicos e ideológicos. A Igreja deixa de ser o centro da sociedade e

passa a ser parte dela, gerando a necessidade de se buscar um novo rosto eclesiológico.

O novo rosto de Igreja e de Missão

O Concílio Vaticano II instaurou na Igreja um contexto de renovação, superando a ideia de ação missionária fechada, voltada para si mesma. Deixou claro que a Igreja e a Missão não existem para si, mas para o mundo, numa ação centrífuga. Essa concepção fez nascer uma eclesiologia de comunhão, cujo objetivo geral é uma retomada do caminhar de fé, em comunidade, numa ação missionária de processo permanente.

A eclesiologia de comunhão passa a valorizar a diversidade dos ministérios nas comunidades e a opção pelos pobres. Proposta firmada nas Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano e do Caribe desde Medellín.

Por sua vez, as Missões Populares passaram por questionamentos e expectativas. Tanto que, no final da década de 1960, muitas Congregações e Ordens religiosas interromperam esse trabalho. A pastoral de massa ficou em baixa e alguns admitiram que se interrompesse em definitivo a pregação das Missões Populares (cf. Redentoristas, 2006, p. 21). A saída foi a reestruturação das mesmas e a necessidade de trabalhar o “ser comunidade” na paróquia, pela setorização.

As mudanças nas Missões Populares no Brasil

A reestruturação do método leva as Missões a um projeto no qual a paróquia fique em estado permanente de Missão. Significa um modo auspicioso de ajudar a paróquia a evangelizar. Inspiradas pelo Plano de Emergência (1962), Plano Pastoral de Conjunto (1966) e reflexões do Concílio Vaticano II, muitas Congregações e Ordens que pregam as Missões Populares passam a priorizar o anúncio, o testemunho e a dinâmica de fortalecer a experiência cristã, suscitando a criação de setores e grupos, formação de lideranças e ação para a perseverança. Temos, assim,

uma forma de viver melhor a comunitariedade, a oração, a escuta, a partilha da Palavra e a caridade fraterna.

Trata-se de um processo lento e não isento de tensões, conflitos, críticas e autocríticas. A reestruturação busca consonância com a Igreja pós-conciliar. Sem perder as riquezas e experiências do passado, as Missões renascem e fixam grandes balizas para o futuro. A imagem e a atitude do missionário itinerante sofrem mudanças. A teologia prioriza, então, a comunitariedade e a relação com o mundo. Passa-se a caminhar em conjunto com a pastoral da CNBB, diocese e paróquia, numa atitude de entrosamento direto com o pároco e com as forças da paróquia/comunidade.

Animar, fortalecer, integrar fé e vida, despertar lideranças em diversos setores pastorais e comunitários tornou-se meta. Cria-se uma pedagogia para despertar, convocar, mobilizar, animar e entusiasmar a população (cf. Fantini, 2007, p. 16), pedagogia esta que não exclui nem se opõe à pastoral de base, mas impulsiona para uma pastoral de conjunto e de responsabilidade missionária. De um conteúdo moral, doutrinal, sacramental e quase mítico, passou-se a trabalhar a realidade concreta e a comunitariedade da paróquia. Não representa uma pastoral a mais na paróquia, mas a integração de todas as atividades paroquiais numa única ação missionária. Um trabalho extraordinário de evangelização, que atinge a pastoral ordinária de uma comunidade.

O Concílio Vaticano II proporcionou às Missões Populares no Brasil almejar uma Igreja comunhão, integradora, criativa, participativa, em formação permanente, missionariamente capaz, inteirada com a realidade, interessada na união entre fé e vida, preocupada com o anúncio querigmático e aberta à participação de leigos.

Desafios e validade para as Missões

No Brasil, o atual fenômeno da globalização tem reformulado o âmbito econômico, político e cultural (cf. *DAp*, n. 33, 61) e transformado a visão de mundo das pessoas. O advento da produção, comércio e desenvolvimento tecnológico fez surgir os grandes centros urbanos, e com eles a urbanização. Para o IBGE, a população rural, que em 1940 era estimada em 69%, caiu em 2010 para 15,65%, elevando a urbana para 84,35%. Em sete décadas a urbanização reformulou a sociedade brasileira quanto às questões demográficas e de valores, mudando hábitos e pensamento, influenciando o social, político, econômico e religioso. A mentalidade brasileira mudou. O desafio do mundo urbano é premente. A cidade e a nova mentalidade desafiam as Missões Populares a rever o significado da própria Missão em suas linhas de ação. A encíclica *Redemptoris Missio* diz que a grande cidade é propriamente âmbito de Missão *ad gentes* (cf. n. 37).

A nova mentalidade religiosa no Brasil

O senso de 2000 detectou um grande número de pessoas que se dizem “sem religião”. Não são ateus, mas vivem uma religiosidade de atributos diferentes, com novos nomes, rótulos, templos e sacerdotes, tomando o sagrado quase que somente pelo lado da subjetividade e afetividade, denotando mais crença que religião. Crença orienta a conduta, mas não implica pertença e contradiz a essência cristã da vivência em comunidade. Desse modo, pode-se dizer que não há uma crise religiosa no Brasil, mas uma mudança nas formas de pertença, ou nos modos de ser religioso.

Nas últimas décadas, por exemplo, a noção de religião tem deixado de ser uma vivência herdada, passada de pais para filhos, mas uma opção de escolha. Em si, há uma crise de “transmissão” da “memória” religiosa. Uma tendência que tem aumentado nas sociedades Pós-Modernas e contribuído para a perda da tradição religiosa familiar, acirrando a prática de sair ou escolher uma nova religião

(cf. Hervieu-Léger, 2008, p. 9-10), que indica individualidade e liberdade de escolha religiosa.

Busca-se experimentar o que mais satisfaz. Muitos afirmam: “eu faço a minha própria religião”. Notam-se expressões religiosas que levam multidões aos cultos em praças públicas e à presença de líderes religiosos donos de audiência grandiosa em programas de televisão. O novo contexto e a nova mentalidade convivem com um profundo pluralismo religioso e geram desafios às Missões.

Os desafios às Missões Populares no Brasil

A paróquia no Brasil obedece a um modelo rural, estático e, com a urbanização, passa por sérias dificuldades para responder aos anseios da evangelização atual. Por atuarem na realidade paroquial, as Missões Populares também sentem essa dificuldade, carecem de reestruturação e oscilam entre ficar no tradicional ou adentrar pelo novo.

A cidade, em especial nos cinturões populacionais e periferia, apresenta nova mentalidade, de acentuado indiferentismo religioso e uso indiscriminado do tempo. Crianças têm agenda cheia: ginástica, balé, aulas etc. Homens, mulheres e jovens se deixam tomar pelo trabalho, chegam tarde da noite e quase sempre saem pela madrugada. O mundo urbano expõe violência, medo, horários fragmentados, dificuldade de reunir-se e busca desenfreada pelo financeiro, dificultando uma consciência comunitária que exige encontro, partilha, oração e outras ações em comum. As Missões Populares, na maioria dos métodos empregados, baseiam-se em suscitar comunidades, com pessoas que assumam compromissos, serviços e ministérios eclesiais. A dificuldade é que, no geral, as paróquias estão amplamente preocupadas com a dimensão da administração e pouco preocupadas com a pertença à Igreja. Isso tem gerado carência de pessoas para o processo de ação missionária em todos os âmbitos, até mesmo no caso das Missões Populares. “O

crer sem pertencer é um dos traços do tempo atual [...] e impossibilita a constituição de comunidades crentes mais definidas” (Hervieu-Léger, 2008, p. 12).

Tais desafios questionam, e com razão, a validade da ação missionária das Missões Populares.

Validade das Missões Populares no Brasil para os dias atuais

Ser cristão implica participar de uma comunidade concreta. Não se vive a total coerência do Cristianismo sem pertencer a uma comunidade cristã. Ao priorizar a setorização e os grupos, a validade das Missões se justifica. O testemunho de vida e de fé pela oração e devoção popular também confirmam essa validade. O testemunho fundamenta a dinâmica evangelizadora e constitui, hoje, um eixo essencial para a Missão. A devoção popular é um tesouro na realidade latino-americana e caribenha, pois reflete a identidade do povo e, bem orientada, leva a uma evangelização de fato e traduz a fé cristã pelas condições concretas da vida humana. Deixa de evangelizar quando se fecha, fragmenta-se e perde os princípios evangélicos (cf. *DAP*, nn. 12; 258).

A paróquia é espaço privilegiado para evangelizar, pois é onde a maioria dos fiéis faz a experiência com Cristo (cf. *DAP*, n. 170). É onde há crianças, jovens, famílias sedentas de espiritualidade, de vivência cristã, propensas à Missão, validando a ação. Ao situar a paróquia como lugar privilegiado de Missão, as Missões Populares determinam ali grande potencial e imenso leque de atividades e situações evangelizadoras.

A máxima de que “santo de casa não faz milagre” ainda se faz valer, mostrando que a itinerância, aspecto quase óbvio das Missões Populares, ajuda na mística missionária e permitem que as Missões Populares sejam como um “flash” que ilumina, sacode e desperta a missionariedade. Dessa dimensão itinerante vem a preocupação em visitar casas e envolver as comunidades para acolher a todos.

Um aspecto que apresenta o Reino como dom de todos e para todos, sem excluir ninguém. A itinerância valida as Missões Populares porque interage de modo extraordinário no ordinário. E, pelo ordinário, deixa-se envolver pelo extraordinário.

Incluir a todos como sujeitos da Missão, sem distinção, é uma prática das Missões Populares que faz despertar em muitos o ardor missionário. Possibilita o aprofundamento da fé; renova e desperta famílias para uma ação eclesial comunitária mais profunda, auxilia na tomada de consciência sobre o ser Igreja no mundo atual. O processo das Missões Populares possibilita melhora de vida das pessoas nas mais diversas situações: humana, social, política, religiosa.

Perspectivas para o futuro próximo

As Diretrizes da Igreja no Brasil para os anos 2011-2015 propõem que, quando a realidade se transforma, devem se transformar os caminhos para a ação evangelizadora, uma vez que instrumentos e métodos que deram certo em outros momentos, com bons resultados, podem não oferecer condições de transmitir e sustentar a fé na atualidade (cf. DGAE, n. 25). É possível encontrar Congregações e Ordens que atuam nas Missões e ainda possuem métodos com fortes resquícios de uma ação missionária centrípeta, numa visão de Igreja voltada para si mesma. Diante da realidade e dos desafios que se apresentam, em busca de novas perspectivas, torna-se importante que as Missões Populares repensem o modo de evangelizar no âmbito da nova mentalidade urbana e para as novas gerações. Isso pode requerer mudança de método e de visão missionária.

Mudança de método não deve causar preocupação ou medo, pois nenhum método é sagrado, intocável ou inviolável. O que não pode mudar é a essência da mensagem do Evangelho, que almeja sempre a vivência do Reino. Também não é conveniente mudar por mudar, mas para

melhor evangelizar. Assim sendo, torna-se importante observar algumas perspectivas cristãs para o futuro.

A pequena comunidade como centro da vivência cristã

Segundo José Comblin, o centro da vida cristã tende a ser a pequena comunidade: lugar da iniciação, da formação, dos sacramentos, da educação do discernimento moral e da preparação para agir dentro da sociedade. É um retorno à eclesiologia dos primeiros séculos. Sem pequenas comunidades cristãs as novas gerações estarão longe de viver sua pertença à Igreja cristã (cf. Comblin, 2003, p. 48).

A paróquia organizada em pequenas comunidades – setorização –, como apontam Medellín, Puebla e Aparecida, e promovida por diversos métodos de Missões Populares, permite destacar não apenas uma pessoa, como acontece na estrutura paroquial tradicional, mas um grupo de pessoas, condizendo, dessa forma, com a eclesiologia do Concílio Vaticano II. Setor e grupo missionário bem articulado criam redes de pessoas e alargam horizontes, indo além do simples paroquialismo.² A evangelização acontece quando todos estão inseridos no serviço, a partir do bem comum, sendo “Igreja Povo de Deus”. A missionariedade da paróquia depende da participação de todos os ministérios, serviços e carismas.

A Igreja primitiva evangelizava nas casas (cf. At 5,42; 20,20), onde há maior espaço e muito mais liberdade. Lugar propício para acolher os membros não cristãos ou de outras Igrejas. Pela casa não se constroem templos de pedra ou madeira, mas comunidades vivas. Todos participam e aprendem juntos, como se todos fossem professores e alunos ao mesmo tempo. São sujeitos, não objetos de evangelização. É a Igreja missionária que sai às ruas, de casa em casa, aprendendo, ensinando, rezando e celebrando. Esse processo não se faz, porém, “a passo de

2. Entende-se paroquialismo como visão e ação curta, com horizontes estreitos.

mágica”: requer tempo, construção de bases e mudança de mentalidade.

Serviço missionário à cotidianidade

Para atingir todos os espaços da paróquia, as Missões Populares têm de admitir uma missionariedade mais voltada para realidades existenciais e inculturadas, aberta aos problemas humanos e sociais, intensificando a caminhada das comunidades, numa profunda postura de fazer da paróquia uma rede de pequenas comunidades. Deve aprimorar-se como um serviço missionário à cotidianidade, onde o Reino de Deus acontece. É na história, na vida cotidiana, na comunidade, na convivência, na partilha e na experiência de Deus em comum que o Reino se apresenta. Anunciar o Reino é uma questão eclesial vital. Cabe, pois, às Missões Populares revitalizar a mística missionária, em qualquer tempo ou ambiente, possibilitando reestruturação, abandonando estruturas obsoletas, repensando a ação e os processos. Desse modo, mesmo na itinerância, as Missões Populares não podem ser um ato pontual na paróquia, mas um serviço evangelizador das comunidades, num processo de construção e de multiplicação da missionariedade pela comunidade.

Importância de discípulos missionários

Este processo implica superar preconceitos diante do trabalho missionário dos leigos e investir na sua formação. Pelo testemunho dos leigos surgem novos missionários. Aqueles que começaram primeiro acolhem e partilham o caminho com os que estão iniciando. É a dinâmica de multiplicação, onde, a partir da comunidade, atuam missionários suscitando e formando outros missionários, da paróquia e na paróquia. Ainda que nas pastorais persista a dependência ao padre, essa barreira deve ser superada, com vistas a descentralizar o poder, numa espiritualidade de discípulos missionários. A presença do pároco é

importantíssima, mas a Missão não pode depender somente dele. Nesse espírito, o pároco deve ser motivado a acreditar na proposta, respeitar o conteúdo e o método, evitar trabalhos paralelos que desviem o foco da Missão, participar intensamente do processo, estar aberto aos apelos e luzes que aparecem. Todos devem estar engajados como discípulos missionários, o pároco inclusive. É rica, evangelizadora e pedagógica a participação de todos, juntos organizando e assumindo trabalhos. A Missão tem como ponto de partida a paróquia, mas também é preciso sair da paróquia e abranger o mundo.

Muito se falou em animar e fortalecer as lideranças da paróquia. O conceito de liderança ressalta a capacidade de alguns indivíduos mobilizarem massas populares e caminharem juntos na busca do mesmo objetivo. Entretanto, líderes sem evangelização tornam-se fonte de discórdias e de avidez de poder, comprometendo a comunitariedade da paróquia. A Igreja deixou de formar discípulos de Jesus. É preciso considerar a teologia do discipulado. Discípulos respondem aos anseios cristãos e inspiram ativos seguidores de Jesus, capazes de levar adiante o processo. Nos seus 554 parágrafos, o *Documento de Aparecida* refere-se a “discípulos” por mais de duzentas vezes. O campo de atuação da Missão Popular – família, pequenas comunidades e paróquia – é espaço de formação do discipulado (cf. *DAp*, nn. 302-310). Tal prática leva a revitalizar a catolicidade de “bom católico” para “católico-discípulo-missionário”.

A necessidade de atualização das Missões Populares

A maioria dos modelos de Missões Populares no Brasil mostra a grande necessidade de dar passos para a missionariedade nos contextos secularizados da sociedade. No território brasileiro, há contextos pastorais marcados pela falta de organização, fragmentação e ativismos paroquiais. Em muitos lugares, são fortes os gestos e ritos

religiosos de pouca mística e espiritualidade, herança da eclesiologia tridentina. A situação socioeconômica também representa dificuldade. O desemprego, a perda de referenciais e de valores ameaçam os sonhos e as esperanças, geram personalidades fracas e superficiais, carentes de convicções concretas, incapazes de testemunhar, sem vivência missionária ou posicionamento político e crítico da Igreja. Tal realidade indica que há passos a serem dados. Faz-se necessário tratar de temas proféticos e relacionados a problemas sociais, políticos e econômicos que afligem o mundo. Por ser lugar de valorização, de união e acolhimento, as Missões oferecem momento propício para abordar problemas, dificuldades e sofrimentos humanos, devem prever tais realidades e apresentar caminhos para ajuda. Os encontros de formação para os grupos devem incluir temas sobre o ecumenismo, relação inter-religiosa, discipulado e importância da Igreja para o mundo, bem como a atual realidade sócio-político-religiosa.

Sacramentalização e evangelização

Os sacramentos da Reconciliação e da Eucaristia acontecem com primor no processo de muitos métodos das Missões Populares. A Eucaristia é o centro da vida de uma comunidade eclesial, pois “a Igreja vive da Eucaristia” (cf. *Ecclesia de Eucharistia*, n. 1). Os sacramentos são referenciais importantes para o ser cristão, mas não se pode confundir evangelização com sacramentalização. Igrejas cheias, com pessoas sacramentalizadas, não significa comunidade evangelizada. Viver um sacramento é deixar-se conduzir e animar pelo Espírito de Jesus, que leva a resgatar o sentido da vida. É um processo que conduz cada pessoa a descobrir sua razão de viver e ajudar os outros a viverem. Significa um ato de conversão, que leva a acender luzes nas trevas do mundo, abrindo espaço à transcendência na imanência da ação humana. Os sacramentos devem ser vividos como processo de evangelização.

Micro e macrorrealidade: diocese, setores, grupos e famílias

No tocante ao espaço territorial, as Missões Populares acontecem numa dimensão de microrrealidade, paróquia ou diocese, na proximidade com o povo, no auxílio aos pequenos problemas de cada dia, como doenças, angústias familiares, relacionamentos, situações emocionais, conflitos pastorais etc. Mas a macrorrealidade cultural, política, econômica e religiosa atinge a vida pessoal e familiar (cf. *DAP*, n. 22, 449). Ela influi na forma de pensar, na escala de valores, formação de consciência, preocupações do dia a dia etc. No método “ver, julgar e agir”, Aparecida lembra a importância de olhar a realidade circundante, em todas as dimensões, julgá-la segundo Jesus e agir a partir da Igreja para a propagação do Reino de Deus (cf. *DAP*, n. 19). Por isso a Missão Popular não pode ficar restrita ao ambiente paroquial, mas partir dele e proporcionar uma resposta evangelizadora mais ampla, para o mundo.

A família é lugar e escola de comunhão, fonte de valores humanos e cívicos (cf. *DAP*, n. 302). Uma comunidade renova-se a partir de indivíduos inseridos nas famílias, que sofrem com as mudanças culturais e experimentam novas configurações, dificultando a transmissão da fé na família (cf. *DAP*, n. 100). Organizar setores e grupos de famílias na paróquia é plantar a semente de uma comunidade renovada, articulada e descentralizada, com rosto de Igreja de casa, permanentemente em Missão.

Setores e grupos são pequenas estruturas que possibilitam melhor relação e partilha de vida. Nas grandes cidades, funcionam como recriação das pequenas comunidades dos Atos dos Apóstolos (cf. *DAP*, n. 178). Tornam-se base para a participação de todos na vida paroquial. Setor missionário bem articulado cria rede de grupos e alarga horizontes, indo além do simples paroquialismo. A evangelização e a missionariedade acontecem quando há vivacidade de pessoas em mútua participação, a

partir do bem comum, somando ideias, valores e forças. A comunitariedade é nota fundamental para que isso se concretize.

Despertadas pelo testemunho e pelo querigma, as pessoas aderem aos setores e grupos eclesiais que, por estarem situados numa realidade local e de muita proximidade, possibilitam uma fé comprometida e mutuamente missionária. Incentivados pelo processo das Missões Populares, tornam-se meios comunitários adequados para que discípulos missionários sejam capazes de levar a obra missionária adiante. Exigem acompanhamento, motivação e formação, implicando, desde então, mudar a mentalidade, assumindo novas atitudes, métodos e abertura ao novo.

Necessidade de acompanhamento aos setores, grupos e discípulos missionários

Diz Aparecida que é mister tornar a paróquia lugar de formação permanente, com acompanhamento e amadurecimento dos seus agentes inseridos no mundo (cf. *DAP*, nn. 278-279, 294, 298, 306). Ao preocupar-se com os setores e grupos de família, as Missões Populares, na maioria dos métodos, nem sempre orientam para que se tornem comunidades de fé e vida, pois não os têm acompanhado de modo satisfatório. Acontece o anúncio, a setorização, prática da missionariedade, mas é pouco o acompanhamento no processo de efetivação, e isto complica a formação e perseverança. Tal dimensão requer mais cuidado, em vista da carência de um processo que os conduza para que se tornem “comunidades de fato”. O foco missionário principal deve ser: ajudar o povo e a paróquia a estarem permanentemente em Missão. A realidade urbana exige que as Missões Populares não se limitem a uma assistência pastoral ou animação. Em suma: acompanhar o processo de modo personalizado ajuda a orientar os setores e grupos para que continuem vivos e sempre a serviço da construção e animação do Reino de Deus, buscando ser comunidade eclesial viva,

perseverante e evangelizadora. É imprescindível contar com a ajuda de leigos missionários de outras comunidades ou cidades, os quais, orientados, acompanhem o processo da perseverança dos setores e grupos de determinada comunidade ou paróquia e, depois, enviem membros para atuar em outras localidades.

Atuação nos espaços urbanizados

Às Missões Populares ainda faltam estratégias para abordar edifícios, condomínios fechados e áreas marcadas pela forte urbanização. As pesquisas indicam que o Brasil passa por grande ajuste diante da urbanização. Há uma nova divisão social e territorial que seleciona e transforma as funções sociais, religiosas e econômicas, impondo novas funções, sobretudo em decorrência dos investimentos em tecnologias de comunicação, de colonização da rede urbana por serviços de última geração, das formas privatizadas de controle de mobilidade espacial. A cidade tem-se tornado cada vez mais uma totalidade dentro de outras totalidades, e o mundo tem-se concretizado cada vez mais na cidade. Evangelizar é pensar a cidade. Deve ser idealizada uma Missão capaz de fortalecer a comunitariedade e possibilitar que todos tenham mais clareza sobre a importância de ser Igreja e de se ter uma fé. Ciências como a sociologia, entre outras, podem ajudar muito nessa tarefa.

Visão eclesial de conjunto

A Igreja local é uma porção do Povo de Deus, presidida por um bispo. É um mistério de comunhão católica que confirma a comunhão e a catolicidade eclesial, onde todos podem participar fraternalmente da comum dignidade de filhos de Deus e responsabilidade pela Missão (cf. *Lumen Gentium*, n. 13, 32). É pela comunhão eclesial que se dá a dimensão da catolicidade (cf. *Medellín*, n. 15, 21).

As Missões Populares não podem prescindir da Igreja local. Devem falar do Cristo, a partir do ser comunidade;

levar em conta o que já existe, sem a pretensão de destruir tudo para começar do zero; promover a participação de todos os segmentos sociais; motivar e exercitar carismas e compromissos de todos; ajudar os setores e grupos a serem espaços de evangelização; nunca esquecer o conjunto da Igreja local, onde se encontra e opera verdadeiramente a Igreja de Cristo, que é una, santa, católica e apostólica (cf. *Medellín*, n. 15, 17). É importante evitar projetos paralelos e sectários, que visem a um território específico e esqueçam a sociedade e a totalidade da Igreja local.

Deve ser levado em conta o Plano Pastoral, refletido e assumido nas assembleias diocesanas e paroquiais, bem como as recomendações das Diretrizes Gerais da CNBB. Daí vem a possibilidade de vivenciar a unidade em referência ao todo. Tomar cuidado para não promover uma Missão eclesiocêntrica ou congregacional, que reforça somente algumas estruturas comunitárias, perdendo de vista o grande horizonte do Reino. É preciso diálogo com todas as circunstâncias, sendo serviço de todos, até mesmo na questão ecumênica e inter-religiosa (cf. *DAp*, n. 13).

Considerações finais

À luz do Concílio Vaticano II, as Missões Populares precisam atuar a partir da visão de uma Igreja “Povo de Deus”, de vivência comunitária e de comunhão. Orientar isso para a missionariedade paroquial exige ajudar os párocos a elaborarem e viverem o processo juntos.

Por outro lado, as Missões Populares não podem conservar uma visão eclesiocêntrica, que objetiva somente o reforço das estruturas comunitárias, paroquiais e diocesanas e perde de vista o horizonte do Reino. Devem ser um projeto para a Igreja e um subsídio para cumprir melhor sua missão de evangelizar, estabelecendo o Reino de Deus, desde agora até o fim dos tempos.

Compete-lhes o papel de ser uma dinâmica que enseje a renúncia das interpretações pessoais e “grupismos”, evangelizando pela mística comunitária de unir-se a Jesus, caminhando com os outros (cf. *DAP*, n. 248).

Referências bibliográficas

- AMARANTE, Alfonso Vincenzo. *Evolutione e definizione del metodo missionario redentorista (1732-1764)*. Materdomini: Copiosa Redemptio, 2003.
- CELAM. *Documento de Aparecida*; texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. 10. ed. São Paulo/Brasília: Paulinas/Paulus/CNBB, 2007.
- CNBB. *Diretrizes gerais da ação evangelizadora no Brasil 2011-2015*; Jesus Cristo, “Caminho, Verdade e Vida” (Jo 14,6). Brasília: CNBB, 2011. (Documento n. 94.)
- CHIOVARO, Francesco. *Historia de la Congregación del Santísimo Redentor*. Santa Fé de Bogotá: Scala, 1995.
- COMBLIN, José. *Os desafios da cidade no século XXI*. São Paulo: Paulus, 2003.
- FANTINI, Frei Claudécir. Santas Missões Populares dos frades menores capuchinhos. In: CNBB. *Memória, projeto, seguimento*; missões populares da Igreja no Brasil. Brasília: CNBB, 2007.
- HERVIEU-LÉGER, Danièle. *O peregrino e o convertido*; a religião em movimento. Trad. de João Batista Kreuch. Petrópolis: Vozes, 2008.
- HOORNAERT, Eduardo et al. *História da Igreja no Brasil*; ensaio de interpretação a partir do povo, primeira época. Petrópolis: Vozes, 1977. t. 2.
- JOÃO PAULO II. *Redemptoris Missio*. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_07121990_redemptoris-missio_po.html>.
- RASCHETTI, Estevão. Testemunho, significado e desafios das missões populares na Igreja no Brasil. In: CNBB. *Memória, projeto, seguimento*; missões populares da Igreja no Brasil. Brasília: CNBB, 2007.
- REDENTORISTAS. *Missionários. Missões Redentoristas*; objetivo, conteúdo e metodologia. Aparecida: Santuário, 2006.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Quais os aspectos da Missão Popular que mais chamam a atenção neste artigo?
2. Na dinâmica de Igreja comunhão, orientada pelo Concílio Vaticano II, quais são os avanços e retrocessos que encontramos?
3. Como pensar o nosso ser missionário a partir dos documentos eclesiais pós-Concílio?